

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

GIULIA CÂNDIDO BRUNO

**MANUTENÇÃO DA PRÁTICA DE FUTEBOL POR MULHERES: ANÁLISE
COMPORTAMENTAL DE VARIÁVEIS PRESENTES NO DISCURSO**

SÃO PAULO

2020

GIULIA CÂNDIDO BRUNO

**MANUTENÇÃO DA PRÁTICA DE FUTEBOL POR MULHERES: ANÁLISE
COMPORTAMENTAL DE VARIÁVEIS PRESENTES NO DISCURSO**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof. Dra. Denize Rosana Rubano

SÃO PAULO

2020

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus, ao meu avô Giuseppe e à minha mãe Dalvaneide, por iluminarem meus caminhos e minhas decisões.

Agradeço, então, aos meus pais Giuseppe e Márcia, assim como à minha vó, Lourdes e aos meus irmãos Giuseppe, Amauri e Giovanna por me apoiarem durante toda a minha trajetória, sem medir esforços para a realização desse sonho, com muito amor e carinho.

Sou grata ao meu namorado, Thiago, e a todas as minhas amigas e amigos que tornaram a graduação e a confecção deste trabalho mais leves, que me apoiaram nos momentos de confusão e ajudaram a prosseguir.

Agradeço às professoras Mônica e Denize que, durante a graduação, foram fontes de inúmeros reforçadores positivos determinantes para escolha do meu campo de pesquisa e atuação.

Sou grata novamente à minha professora e orientadora Denize Rubano pelo apoio, confiança e por todos os ensinamentos que propiciaram a produção deste trabalho de conclusão de curso.

Sou grata ao doutorando e co-orientador Luis Felipe, pela paciência, atenção e conselhos durante a elaboração do TCC.

Agradeço a todas e todos que possibilitaram a conclusão desse trabalho e minha graduação de forma direta ou indireta.

Área de conhecimento: 7.07.05.03-8 - Papéis e Estruturas Sociais; indivíduo

Título: Manutenção da prática de futebol por mulheres: Análise

Comportamental de variáveis presentes no discurso.

Ano: 2020

Orientanda: Giulia Cândido Bruno

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denize Rosana Rubano

RESUMO

A presença das mulheres no campo dos esportes vem aumentando há mais de um século, porém no futebol a diferença de condições entre os gêneros ainda é gritante. A partir dos conhecimentos da Análise do Comportamento, pode-se buscar compreender como as contingências sociais são arranjadas para manter a desigualdade de gênero, inclusive nos esportes, condição necessária para a mudança de tal situação. Além disso, poucas pesquisas na área da psicologia do esporte procuram compreender as contingências estabelecidas nesse contexto. O objetivo desta pesquisa foi, portanto, entender quais são as variáveis que mantêm as mulheres na prática do futebol e analisar como os relatos controlaram o comportamento da pesquisadora para identificar tais variáveis. A coleta dos dados se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas e as participantes foram cinco jogadoras profissionais de futebol. As entrevistas foram transcritas e através delas formularam-se três categorias de reforçadores: sociais, econômicos e intrínsecos; e três de antecedentes: condições familiares, de trabalho e planos para o futuro. Os resultados apontaram que reforçadores sociais de diversas fontes parecem ser de especial importância. Os reforçadores financeiros parecem não oferecer segurança para a vida das atletas, visto que muitas buscam por alternativas para se sustentar em outras profissões. Já os reforçadores intrínsecos parecem essenciais, mas não suficientes para manter a prática sem os outros reforçadores descritos. Diante dos relatos sobre as condições antecedentes, pode-se destacar a importância das condições financeiras familiares e as condições de trabalho adequadas. Também é possível destacar os planos para o futuro como regras que ao evocar as respostas descritas, as aproximam de seus objetivos e possíveis reforçadores principais. Ademais, a Análise Comportamental do Discurso possibilitou indicar como as respostas verbais apresentadas pelas participantes controlaram o comportamento da pesquisadora para a formulação das categorias utilizadas na análise e sua discussão.

Palavras-chave: Psicologia do esporte; análise do comportamento; futebol feminino.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
1.1 A história das mulheres no futebol.....	7
1.2 Análise do Comportamento, práticas culturais e análise funcional...11	
1.2.1. Os Operantes Verbais.....	15
2. Método.....	25
2.1 Participantes.....	25
2.2 Instrumento e procedimento de coleta.....	25
2.3 Procedimento de análise.....	26
3. Resultados e Discussão.....	29
3.1 Categorias de reforçadores.....	29
3.1.1 Reforçadores sociais.....	29
3.1.2 Reforçadores econômicos.....	35
3.1.3 Reforçadores Intrínsecos.....	41
3.2 Categorias de antecedentes.....	44
3.2.1 Condições financeiras.....	44
3.2.2 Condições de trabalho.....	46
3.2.3 Planos para o futuro – Regras.....	51
3.3 Análise Comportamental do Discurso.....	54
3.3.1 Análise do Discurso sobre Reforçadores Sociais.....	54
3.3.2 Análise do Discurso sobre Reforçadores Econômicos.....	56
3.3.3 Análise do Discurso sobre Reforçadores Intrínsecos.....	58
3.3.4 Análise do Discurso sobre Condições Familiares.....	59
3.3.5 Análise do Discurso sobre Condições de Trabalho.....	61
3.3.6 Análise do Discurso sobre Planos para o Futuro.....	62
3.3.7 Análise do Discurso sobre a luta por igualdade.....	64
3.3.8 Análise do Discurso sobre avanços no futebol feminino.....	70
4. Considerações finais.....	72
5. Referências.....	74
Apêndices.....	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Participação das mulheres nos Jogos Olímpicos	8
Tabela 2 - Número de atletas que citaram cada tipo de reforçador social	30
Tabela 3 - Número de atletas que citaram cada tipo de reforçador econômico	36
Tabela 4 - Número de atletas que citaram cada tipo de reforçador intrínseco .	41
Tabela 5 - Número de atletas que citaram condições de trabalho como antecedentes importantes	50
Tabela 6 - Número de atletas que citaram cada tipo de plano para o futuro como antecedente importante	53

“Hoje, graças às conquistas do feminismo, torna-se dia a dia mais normal encorajá-la a estudar, a praticar esporte; mas perdoam-lhe mais do que ao menino o fato de malograr; tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja também uma mulher, que não perca sua feminilidade.” (BEAUVOIR, 1967, p. 23)

1 Introdução

No país do futebol, cidades são paralisadas pela população em dia de jogos importantes; torcedores deslocam-se por horas até os estádios de seus times, capazes de gastar muito dinheiro e tempo, além de cantar, pular e gritar para apoiar o clube do coração. Segundo Capelo (2019), milhões de reais são movimentados e destinados a clubes, atletas, fabricantes de artigos esportivos e patrocinadores. Mas tudo isso, claro, quando nos referimos ao futebol masculino.

Esse cenário salienta o futebol como fator de motivação e inclusão social, visto que ele possibilita a alguns homens uma grande ascensão do ponto de vista financeiro e, conseqüentemente, uma melhora na qualidade de vida.

Mas, no universo do futebol feminino, ainda que no mesmo país, a situação é bem distinta. Pouco dinheiro movimenta esta modalidade, a maioria das atletas não tem carteira assinada, muitas vezes precisa manter outro emprego para sustentar-se, além de cumprir as tarefas domésticas. Esta realidade exemplifica o que Beauvoir (1967) diz em sua obra e que é o início deste trabalho: hoje, é aceitável que a mulher realize tarefas antes destinadas ao homem, desde que não perca sua feminilidade, mas o êxito se lhe torna mais difícil.

É importante, ainda, salientar a escassez de artigos na área de psicologia do esporte com as mulheres como tema, como observado por Bruno e Gianfaldoni (2019). A partir de um banco de dados composto por 158 artigos de psicologia do esporte, dos indexadores Scielo.ORG, Scielo.BR, Pepsic e Periódicos CAPES, apenas 25 artigos foram destacados como aqueles que

faziam referência às mulheres, sendo que destes apenas quatro têm somente mulheres como participantes da pesquisa, o que dificulta a compreensão sobre a realidade das contingências vividas pelas atletas no Brasil e, por isso, distancia-nos de avanços significativos para as mulheres no esporte.

Diante deste contexto, esta pesquisa objetiva fazer uma análise funcional do discurso sobre as variáveis que mantêm as mulheres praticando futebol profissionalmente, mesmo quando este não se caracteriza como uma possibilidade de mudança de vida.

1.1 A história das mulheres no futebol

O esporte surgiu, ainda nos tempos primitivos, a partir da sua relação com a caça e, apesar das mulheres participarem dessa atividade, ao longo da história, elas foram cerceadas de praticar esportes em alguns períodos. Nos Jogos Olímpicos da Era Moderna, as atletas não puderam participar da primeira edição, mas nem todas as mulheres aceitaram essa proibição. O que fez com que Stamati Revithi corresse o percurso da Maratona, concluindo a última volta por fora do estádio, em um tempo menor do que alguns atletas homens percorreram. (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008)

Segundo Oliveira, Cherem e Tubino (2008) as mulheres só puderam participar oficialmente dos Jogos Olímpicos a partir de sua segunda edição, ao aproveitar algumas brechas no regulamento. A partir deste período a presença das mulheres no esporte aumentou cada vez mais, e, segundo o COI, Comitê Olímpico Internacional, nas Olimpíadas de 2016, o número de competidoras correspondeu a 45% do total, como podemos observar na tabela a seguir:

Tabela 1 - Participação das mulheres nos Jogos Olímpicos

Ano	Esportes	Competições femininas	Total de Competições	% de competições femininas	Mulheres participantes	% de participação das mulheres
1900	2	2	95	2.1	22	2.2
1904	1	3	95	3.1	6	0.9
1908	2	4	110	3.6	37	1.8
1912	2	5	102	4.9	48	2.0
1920	2	8	156	5.1	63	2.4
1924	3	10	126	7.9	135	4.4
1928	4	14	109	12.8	277	9.6
1932	3	14	117	12.0	126	9
1936	4	15	129	11.6	331	8.3
1948	5	19	136	14.0	390	9.5
1952	6	25	149	16.8	519	10.5
1956	6	26	151	17.2	376	13.3
1960	6	29	150	19.3	611	11.4
1964	7	33	163	20.2	678	13.2
1968	7	39	172	22.7	781	14.2
1972	8	43	195	22.1	1059	14.6
1976	11	49	198	24.7	1260	20.7
1980	12	50	203	24.6	1115	21.5
1984	14	62	221	28.1	1566	23
1988	17	72	237	30.4	2194	26.1
1992	19	86	257	33.5	2704	28.8
1996	21	97	271	35.8	3512	34.0
2000	25	120	300	40	2069	38.2
2004	26	125	301	41.5	4329	40.7
2008	26	127	302	42.1	4637	42.4
2012	26	140	302	46.4	4676	44.2
2016	28	145	306	47.4	5059	45

Fonte: Comitê Olímpico Internacional, 2018

Apesar desta crescente participação e valorização do esporte feminino, o futebol é uma modalidade em que as disparidades entre os gêneros se destacam. Segundo Salvini e Marchi Júnior (2013), o futebol feminino, ao longo da história, foi visto como um “desvio de conduta” perante a feminilidade imposta às mulheres. A maior concretização deste ponto de vista foi o Decreto-

Lei 3199, do ano de 1941, implementado em 1965 durante a Ditadura Militar, que proibiu as mulheres de praticarem esportes “incompatíveis com a sua natureza”, o que incluía o futebol.

Mesmo com a revogação do Decreto, nos anos 70, ainda se mantiveram os valores culturais que consideravam as mulheres inaptas para praticar alguns esportes que se diferenciavam do papel de gênero ideal da mulher e, como apresentam Salvini e Marchi Júnior (2013), tais valores se mantiveram, inclusive, até os dias atuais. Salvini e Marchi Júnior (2016) mostram que o preconceito com o futebol feminino ainda existe e está atrelado à quebra de padrões de feminilidade, à sexualidade e até mesmo à “falta de futuro” na modalidade.

A partir do ano de 2019, o futebol feminino apresentou uma boa perspectiva de crescimento. A CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) declarou que os clubes devem ter equipes de futebol feminino para participar das competições nacionais e/ou regionais, como podemos ver com mais detalhes no parágrafo a seguir:

o solicitante deverá ter uma equipe principal feminina ou associar-se a um clube que a tenha. Além disso, deverá ter pelo menos uma categoria juvenil feminina ou associar-se a um clube que a tenha. Em ambos os casos, o solicitante deverá providenciar suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de jogo para a disputa de jogos e treinamento) necessários para o desenvolvimento de ambas equipes em condições adequadas. Finalmente, é exigido que ambas equipes participem de competições nacionais e/ou regionais autorizadas pela respectiva Associação Membro. (CONMEBOL, 2017)

Essa obrigatoriedade fez com que vários clubes de grande expressão nacional se associassem ou criassem equipes de futebol feminino, o que aumentou a visibilidade e a importância dos campeonatos estaduais e nacionais. Além disso, parte da Copa do Mundo Feminina de 2019 foi transmitida em TV aberta, o que foi uma medida importante para que esta modalidade entre no cotidiano do brasileiro.

De acordo com Holland (2016), o mundo ocidental é governado por e para a elite. As contingências arranjadas garantem privilégios, status pessoal,

lucro material individual e os sistemas de reforçamento encorajam que as pessoas compitam em busca dos reforçadores, ou seja, queiram ser e ter mais que os outros. Tal lógica resulta na exploração de uma classe pela outra. A Análise do Comportamento, por sua vez, pode servir à transformação desta lógica de três diferentes formas: ao parar com as práticas que servem à manutenção do poder vigente; ao adaptar seu trabalho para as necessidades daqueles que lutam para se livrar do controle e da exploração e, por fim, ao auxiliar no desenvolvimento de alterações comportamentais que promovam meios para uma mudança revolucionária, que preze valores igualitários e não elitistas.

Ao atentarmos para as duas primeiras opções, é possível refletirmos sobre a importância delas ainda que sejam passos anteriores à última. Segundo Angelo e Bissoli (2016), a transformação social é um conceito que tem como cerne a alteração das práticas culturais em uma sociedade, a fim de diminuir desigualdades. Além disso, os autores evidenciam que alguns autores importantes (GUERIN, 2001; TOURINHO, 2009; SKINNER, 1971) da Análise do Comportamento salientam que o repertório comportamental é formado, em grande parte, a partir das relações sociais. Além disso, Baer, Wolf e Risley (1968) mostram em seu artigo sobre a Análise Aplicada do Comportamento algumas dimensões necessárias para que uma pesquisa aplicada seja válida. Destaque-se, aqui, a dimensão “Aplicada” explicitada pelos autores, que aponta que uma pesquisa deve ter importância para o ser humano e para a sociedade. Podemos observar, então, que a Análise do Comportamento se volta para a possibilidade do alcance da transformação social e vem construindo um arcabouço teórico e prático que se dirige a esta alternativa.

De acordo com Silva (2016), a Análise do Comportamento se relaciona com o feminismo na medida em que compreende o comportamento humano como produto da história, ou seja, é uma ciência antiessencialista. Segundo Beauvoir (1967), os padrões de feminilidade, que servem como mantenedores da opressão do homem sobre a mulher, são influências da educação e do ambiente, não são dados biológicos. Estas características sustentam a historicidade da dominação masculina e explicitam a necessidade e a possibilidade de eliminá-la.

1.2 Análise do Comportamento, práticas culturais e análise funcional

A manutenção das práticas culturais deve muito ao comportamento verbal, isso porque os grupos utilizam da linguagem para descrever classes de comportamentos, antecedentes e conseqüências a comportamentos específicos, e reforçam a emissão deles em certos contextos. O operante verbal é a ação do falante em interação com os ouvintes, estando sujeito ao controle de estímulos e às relações comportamentais estudadas pela análise do comportamento até aqui. (BORLOTI *et al.*, 2008)

Segundo Skinner (1953/2003), os comportamentos são frutos das relações em três diferentes níveis: filogenético, ontogenético e cultural. Ao nível filogenético, a contingência diz respeito à seleção natural; os comportamentos selecionados a este nível contribuem para a sobrevivência da espécie e são respondentes; ao nível ontogenético, as conseqüências ocorrem ao longo da vida do indivíduo, a partir do condicionamento operante e, por fim, no nível cultural os comportamentos são estabelecidos pelo grupo, a fim de permitir a sobrevivência de sua cultura.

O comportamento do ser humano, segundo esta perspectiva, é controlado pelas conseqüências e esta relação é chamada de função. O estudo desta função é chamado de “Análise Funcional”, que é caracterizado pela identificação das variáveis que mais provavelmente antecedem e conseqüenciam os comportamentos, o que permite uma explicação sobre os motivos pelos quais os comportamentos ocorrem e como são mantidos. (BRITTO *et al.*, 2010)

Ao utilizar o termo “Análise Funcional” como a descrição do comportamento buscando contingências em operação, Matos (1999) propõe alguns passos importantes para que a função do comportamento seja compreendida experimentalmente: primeiro é preciso que o comportamento de interesse seja definido precisamente; em seguida, é necessário descrever e identificar o efeito comportamental; o terceiro passo envolve a identificação das relações entre o comportamento e variáveis ambientais, além das relações com outros comportamentos existentes; como quarto passo é importante formular hipóteses referentes aos efeitos sobre o comportamento alvo da manipulação

das variáveis e de outros comportamentos; por fim, essas hipóteses devem ser testadas.

Porém, em algumas situações, o analista do comportamento não tem acesso ao comportamento alvo e às variáveis que o mantêm. Um comportamento pode ser inacessível ao pesquisador por diversos motivos e, em algumas situações, não é possível observar e manipular as variáveis ambientais. Por isso, o pesquisador pode precisar estudar um fenômeno a partir do discurso sobre ele. Borloti, *et al.* (2008) explicam como é possível, então, fazer uma análise comportamental do discurso (ACD). Segundo o autor, Skinner busca salientar que o objeto de estudo desta análise é um comportamento que pode ser emitido em qualquer modalidade verbal e que também é modelado e mantido pelas consequências, mediadas, neste caso, pelo contexto social, por isso usa o termo “comportamento verbal” para nomear o objeto da ACD.

Segundo Skinner (1957/1978), nem sempre o ser humano age diretamente sobre o mundo. Muitas vezes sua ação é indireta, ou seja, age primeiro sobre outra pessoa e, esta, a partir deste estímulo, age sobre o mundo. Este comportamento primeiro, que age sobre outra pessoa, é impotente contra o mundo mecânico, mas suas consequências são tão físicas e inevitáveis quanto as ações diretas e ainda mais difíceis de descrever. Isto é o que recebe o nome de “comportamento verbal”, termo que abrange uma gama de respostas que vai além da fala, englobando, por exemplo, os gestos e a escrita. De acordo com o autor, o termo ainda “destaca o falante individual e, quer seja reconhecido ou não por quem o usa, especifica o comportamento modelado e mantido pelas consequências mediadas”. (SKINNER, 1957/1978, p.16)

O comportamento verbal é um comportamento operante, controlado pelas consequências ambientais, tem uma função e uma relação indissociável e contextual com a cultura que o define. Portanto, para compreendê-lo é necessário encontrar as relações funcionais que o controlam. Skinner propõe uma forma possível para tal formulação: primeiro, é necessário descrever a topografia do comportamento e, depois, explicá-lo, ou seja, identificar as

condições em que ele ocorre, as variáveis das quais ele é função. Só assim é possível considerar as características dinâmicas do comportamento verbal, que é a relação entre o comportamento do falante com o do ouvinte, formando o “episódio verbal”. (SKINNER, 1957/1978)

Quando nos referimos ao comportamento operante, estamos interessados na possibilidade de prever e controlar sua ocorrência num certo momento futuro. Partes do repertório verbal ocorrem mais provavelmente que outras em determinados contextos e isso é chamado de probabilidade de resposta. Skinner (1957/1978) chama, convenientemente, essa probabilidade de “força” e algumas características podem ser evidências dessa força. O autor sugere que há três tipos de evidência: a emissão da resposta, a frequência com a qual ela ocorre e a força da resposta como uma escala que vai de zero até um valor muito alto.

A primeira evidência, referente à emissão da resposta, é uma medida de tudo ou nada, e infere a força no sentido da ocorrência da resposta na situação em questão. A segunda evidência nos remete à frequência com a qual a resposta ocorre numa ampla amostra de comportamento verbal. A terceira evidência, que considera a força como uma escala, nos fala de alguns indícios que mostram maior ou menor força da resposta ocorrer, força aqui não como sinônimo de “probabilidade”, mas como uma tendência que não seria dominada por forças competitivas com facilidade. (SKINNER, 1957/1978)

Para avaliar uma resposta segundo esta última evidência, Skinner (1957/1978) cita três indícios: o nível de energia com o qual a resposta é emitida, podendo ser emitida em diferentes graus de intensidade como, no caso do comportamento verbal, um pensamento, um sussurro, uma fala e um grito; outro indício é a velocidade com a qual a resposta é emitida, velocidade tal que pode ser em referência as partes que seguem umas às outras ou em relação ao surgimento da ocasião para sua emissão; a repetição, emissão de respostas verbais com topografias semelhantes de forma sequencial, é outra propriedade que indica essa tendência.

É relevante considerar, ainda, segundo Skinner (1957/1978), que as evidências da probabilidade de ocorrência de respostas apresentam limitações

quanto a esta função. As condições em que a resposta ocorre devem ser sempre parte importante da Análise do Comportamento. A emissão da resposta, como medida de tudo ou nada, nos permite inferir a força principalmente nas circunstâncias em que a emissão daquela resposta seria pouco comum; a frequência apresenta uma dificuldade porque afasta-se do programa analítico-comportamental de lidar com o indivíduo falante em uma ocasião específica, servindo melhor à avaliação de práticas de uma dada comunidade verbal.

Já as evidências de força como tendência dificilmente dominada por forças competitivas, não podem ser consideradas isoladamente e sim em comparação com as condições e com outras respostas verbais emitidas pela mesma pessoa. Além disso, a comunidade verbal restringe a potência dessas evidências de força, porque as respostas emitidas com topografias extremas não são reforçadas, e muitas vezes são punidas pelos ouvintes, mas, apesar disso, o completo nivelamento e monotonia não são aceitos pela comunidade verbal. Tais interesses conflitantes obscurecem os indicadores e dificultam a análise. (SKINNER, 1957/1978)

Conforme Skinner (1957/1978), outra característica importante é que, como comportamento operante, múltiplas variáveis combinadas controlam o comportamento verbal. Esse comportamento e variáveis, por sua vez, influenciam no comportamento do ouvinte, que também exige análise. Além disso, é comum que uma mesma pessoa exerça o papel tanto de falante, quanto de ouvinte e isso faz com que outras partes de seu comportamento verbal também exerçam controle sobre seu comportamento. Dessa forma, é a partir das condições sob as quais o comportamento verbal ocorre que se pode compreender o “significado” dele, que não é propriedade do comportamento enquanto tal.

Borloti, *et al.* (2008) apresenta uma síntese dos princípios norteadores de uma ACD. Primeiro, é preciso identificar o contexto e a história envolvidos naquele discurso, as relações de controle que caracterizam o ambiente; segundo, o discurso deve ser compreendido como a descrição das relações funcionais entre eventos e comportamentos, portanto, deve-se descobrir a

função dessa descrição e, por fim, o discurso é originado no ambiente e no modo como o ambiente é manipulado, o que implica conhecer as relações que controlam o comportamento verbal.

1.2.1. *Os Operantes Verbais*

De acordo com Borloti, *et al.* (2008), um discurso pode ser definido funcionalmente a partir de seus operantes verbais: aqueles que especificam um reforçador, cujo valor reforçador é definido por uma operação estabelecadora de privação ou de estimulação aversiva, chamam-se mando; aqueles que resultam da discriminação de estímulos não-verbais chamam-se tato e aqueles que são apenas relações arbitrárias entre os estímulos verbais antecedentes e a resposta dada, chamam-se intraverbais; os autoclíticos são relações verbais cuja ocorrência depende de outros operantes, emergindo da discriminação da relação entre esses operantes. Portanto, é importante que o analista do comportamento saiba diferenciar a função das frases ditas pelo falante, de modo a identificar o que é a descrição das contingências vividas daquilo que é a especificação de um reforçador e daquilo que é controlado apenas pelas falas do analista.

O mando, operante verbal no qual uma resposta é reforçada por uma consequência específica, depende de um controle funcional com condições de privação ou estímulo aversivo. Segundo Skinner (1957/1978), uma comunidade verbal consequencia caracteristicamente uma determinada resposta e, quando uma resposta é reforçada de uma forma específica, a probabilidade de surgimento dela no comportamento do falante depende de uma privação associada a esse reforço.

Porém, um mando não pode ser identificado apenas a partir de sua forma; para um operante verbal ser identificado é necessário conhecer as variáveis que se relacionam funcionalmente com aquela resposta. Numa comunidade verbal, os padrões de resposta e reforço que produzem os mandos explicam como estes operantes são produzidos no falante e como o beneficiam, mas para explicar a sua manutenção é necessário compreender como o comportamento do ouvinte é mantido. (SKINNER, 1957/1978)

Precisa-se compreender, portanto, a totalidade do episódio vocal, o que implica em: indicar que a presença do ouvinte é a ocasião necessária para o comportamento verbal ocorrer e, principalmente, identificar as variáveis que mantêm o comportamento do ouvinte. Ao estudar as diferentes configurações em que essas relações acontecem, Skinner (1957/1979) identificou diferentes tipos de mando.

Por exemplo, um mando pode ser chamado de “solicitação” caso o ouvinte seja independentemente motivado a reforçar o falante, a resposta do falante apenas indica que ele aceitará o que o ouvinte está disposto a dar. Skinner (1957/1978) ilustra esse tipo de mando a partir de um episódio em que o falante pede um pão a um ouvinte, predisposto a dá-lo, que o consequencia dando o pão, o que explica o que mantêm o comportamento do falante. Já a resposta do ouvinte de dar o pão costuma ser reforçada por uma resposta verbal emitida pelo falante que visa assegurar que o ouvinte responda de forma semelhante no futuro, como a palavra “Obrigado”.

Porém, o mando também pode ser uma ordem, ou seja, a resposta do falante pode, além de especificar um reforço, estabelecer uma relação aversiva, da qual o ouvinte só pode esquivar-se consequenciando adequadamente a resposta do falante. Assim, o comportamento do ouvinte é mantido pela redução da ameaça. Neste caso, além da presença do ouvinte, é necessário também a presença de um estímulo aversivo cuja remoção consequenciará a resposta do falante. (SKINNER, 1957/1978)

Skinner (1957/1978) exemplifica uma situação na qual o falante se depara com o ouvinte em seu caminho (estímulo discriminativo e estímulo aversivo). Ao emitir a resposta “Saia da frente!”, ele adiciona no ambiente do ouvinte a sua presença e também a sua entonação, que caracteriza um estímulo aversivo, uma ameaça. Ao sair da frente, o ouvinte não só reforça negativamente o comportamento do falante, como também produz a retirada da ameaça posta por este.

Skinner (1957/1978) explica que uma questão é um tipo de mando que especifica uma ação verbal do ouvinte. Essa questão, a depender do comportamento do ouvinte, pode ser uma solicitação, uma ordem ou uma

súplica (apelo). A súplica é um mando em que o reforço é proporcionado através da geração de uma disposição emocional no ouvinte. A questão é ilustrada a partir de uma interação na qual o falante pergunta “Qual é seu nome?” e o ouvinte responde “Lester”. Tal resposta pode ter sido evocada por uma tendência prévia do ouvinte de responder ao falante, por causa da uma ameaça implícita ou, ainda, porque o ouvinte foi predisposto emocionalmente pelo falante a responder. Além desses, Skinner exemplifica outros tipos de mando como: conselho, aviso, permissão, oferecimento ou chamada.

Observam-se, ainda, alguns mecanismos que aumentam a probabilidade de o ouvinte responder de forma a reforçar a emissão do mando pelo falante. Skinner (1957/1978) indica que a repetição das respostas de mando, por operar principalmente em benefício do falante, pode provocar uma revolta no ouvinte. Por isso, é comum que essas respostas sejam suavizadas, com respostas que indiquem um apreço à atitude do ouvinte. Tal indicação pode ser chamada de deferência implícita em expressões como “Pode me dar um copo d’água?”, na qual o reforço especificado é apenas a resposta verbal “Sim.”, porém, costuma ser bem sucedido por demonstrar esse apreço. Outra forma é chamada de deferência explícita, em que o falante especifica o reforço, mas explicita o apreço pela atitude do ouvinte, como, por exemplo, com uso das expressões “por favor” e “se você não se importa”. A inclinação do ouvinte também pode ser ampliada através da demonstração de gratidão ou propondo alguma troca. Essa grande variedade de técnicas suplementares destaca o quanto o reforço para o ouvinte é precário.

As respostas verbais podem estar sob controle de dois tipos de estímulos não-verbais: a) o ouvinte e b) o conjunto do meio físico, o ambiente sobre o qual um falante emite respostas verbais. Skinner (1957/1978) define como tato um operante verbal no qual o controle sobre a resposta verbal é exercido por um objeto ou acontecimento ou propriedade de objeto ou acontecimento antecedente particular. Ou seja, na presença desse estímulo uma resposta é caracteristicamente reforçada numa comunidade verbal.

Ele se diferencia dos demais operantes verbais pela força do controle exercido pelo estímulo antecedente. No tato, a relação com alguma privação ou

estimulação aversiva é enfraquecida, mas a relação com o estímulo discriminativo é intensa. Tal relação é construída através do consequenciamento consistente de uma determinada resposta na presença de um estímulo por variados reforçadores ou por um reforçador generalizado. Assim, constitui-se uma resposta que “especifica” uma propriedade-estímulo. Skinner (1957/1978) exemplifica que uma criança é ensinada a emitir a resposta verbal “vermelho” quando um reforço generalizado, como “Certo!”, é contingente a uma resposta que mantém relação adequada com o estímulo antecedente.

De acordo com Skinner (1957/1978), o comportamento do ouvinte pode ter duas explicações: a) o ouvinte é reforçado pela cultura ou mediante reforço econômico a aumentar o comportamento verbal do falante, principalmente no caso das crianças e b) o estímulo antecedente sob cujo controle está a resposta verbal pode não estar acessível ao ouvinte; assim, o comportamento do falante constitui uma ocasião para um comportamento que, devido à ausência do estímulo antecedente em questão, não poderia ocorrer.

Skinner (1957/1978) ilustra esta última explicação com uma situação na qual o falante atende ao telefone e observa que a pessoa na linha gostaria de falar com o ouvinte. O ouvinte não tem acesso a essa informação, mas diante deste estímulo o falante emite a resposta “*Telefone para você*” e isto se torna a ocasião para que o falante vá até o telefone. Por fim, o falante agradece, de forma a garantir a probabilidade de emissão de um comportamento semelhante pelo falante no futuro.

Assim, observa-se que o tato atua em benefício do ouvinte, aumentando seu contato com o ambiente e esta é a razão pela qual a comunidade verbal o constrói. Por isso, o reforçamento propiciado ao falante depende da correspondência entre sua resposta verbal e o estímulo antecedente. SKINNER (1957/1978)

Porém, Skinner (1957/1978) indica que ao reforçar uma resposta na presença de um estímulo ou classe de estímulos, todos os traços desse estímulo podem passar a exercer alguma medida de controle, ou seja, um estímulo novo pode, se apresentar traços como esses, aumentar a

probabilidade da emissão de uma resposta. Esses estímulos podem ser semelhantes em diferentes propriedades e por isso os “tatos ampliados” são de muitos tipos. A força do tato ampliado pode variar de acordo com a semelhança entre o estímulo novo e o antigo. Respostas como “*uma espécie de*” ou “*tanto... quanto*” demonstram fraqueza no controle exercido pelo estímulo.

Skinner (1957/1978) chama de “extensão genérica” a propriedade que torna discriminativo outro estímulo que tem a mesma utilidade que o primeiro para a comunidade reforçadora. Já a relação em que um estímulo se torna discriminativo por uma propriedade semelhante em seu efeito ao falante, mas, nessa condição, a resposta não é caracteristicamente reforçada como o primeiro pela comunidade, é chamada de “extensão metafórica”.

Segundo Skinner (1957/1978), denomina-se “extensão metonímica” a relação em que um estímulo controla a resposta, porque frequentemente é contíguo a outro estímulo discriminativo. Esse tipo de “tato ampliado” pode causar confusão ao ouvinte se não for usual. A “extensão por solecismo” é descrita como a metafórica, porém diferencia-se pelo seu distanciamento em relação às práticas da comunidade verbal, podendo não ser reforçado ou, então, ser punido.

Outro tipo de tato ampliado explicitado por Skinner (1957/1978) é a “nomeação”. Um nome próprio, ou seja, uma resposta verbal que é reforçada caracteristicamente pela comunidade na presença de um objeto ou pessoa específica, pode ser atribuído por ser a extensão de uma relação de tato, como quando damos a uma criança o nome de outra pessoa. Por fim, Skinner define como “adivinhação” a situação em que o falante emite uma resposta verbal sobre um estímulo cujas propriedades controladoras de tal resposta ele não é capaz de identificar. Se nem mesmo traços identificáveis de controle (por semelhança de uma situação atual com uma passada, por exemplo) existirem, não se pode afirmar que a resposta se constitua num tato, mas sim em “adivinhação”.

Porém, segundo Skinner (1957/1978), nem todos os estímulos que controlam o comportamento verbal de um indivíduo estão acessíveis ao ouvinte, porque parte do universo está contida dentro do organismo e é

acessível somente a ele. As leis que explicam o comportamento verbal controlado por estímulos privados são as mesmas, mas o acesso restrito somente ao falante causa dois problemas: a) o analista do comportamento não é capaz de observar os estímulos envolvidos na contingência e b) a construção das respostas é deficiente porque a comunidade verbal não tem acesso ao estímulo para reforçar a resposta verbal desejada com precisão.

De acordo com Skinner (1957/1979), o mando depende de um estado de privação para a sua emissão. Porém, o autor descreve também operantes verbais que são estabelecidos a partir de uma contingência entre uma resposta verbal e um reforçador condicionado generalizado, na presença de um estímulo verbal específico, ou seja, a emissão de uma resposta A, na presença de um estímulo A é reforçada. Tal contingência estabelece um comportamento verbal que não é evocado num estado de privação, mas sob controle de estímulos verbais, escritos ou orais. Três categorias principais são discutidas pelo autor: o comportamento de repetição, o comportamento textual e o intraverbal.

O reforço “educacional” estabelece o repertório ecóico na criança e a partir dele é possível encurtar o processo da emissão de certas respostas. Ao invés de esperar a variação comportamental desejada ocorrer ao acaso, quando o repertório de repetição está estabelecido pode-se fazer a criança emitir a resposta desejada mais rapidamente e consequenciar de forma adequada. Tal comportamento pode ser vantajoso ao falante por alguns motivos: repetir ordens complicadas pode facilitar a execução destas; repetir o que foi dito pode fazer com que a outra pessoa explique ou amplie a descrição; ao repetir algo a uma terceira pessoa, esta pode nos reforçar. Em referência ao ouvinte, ele pode ser reforçador por aperfeiçoar o controle do ouvinte sobre o falante. (SKINNER, 1957/1978)

Segundo Skinner (1957/1978), o comportamento verbal não é exclusivamente vocal, pode ser também escrito, ou seja, a resposta pode ser textual ou, então, estar sob controle de estímulos textuais. A pessoa que fala sob controle de um texto é um leitor. Este repertório de leitura é adquirido porque outras pessoas consequenciam com reforços condicionados generalizados respostas vocais que mantêm correspondências arbitrárias

(previamente estabelecidas) com marcas numa folha. Essas outras pessoas podem ser professores, a família ou qualquer pessoa de uma comunidade que se beneficia da existência de membros alfabetizados no grupo.

Além do comportamento verbal sob controle de estímulos textuais, o autor descreve o comportamento composto pelas respostas escritas, que Skinner (1957/1978) denomina transcrição. Uma característica importante é que ele depende de instrumentos e materiais do meio externo; da criação de marcas diferenciais e que essas marcas controlem o comportamento do leitor. Esta transcrição pode ser um ditado, quando a resposta escrita está sob controle de um estímulo vocal auditivo, ou pode ser uma cópia, quando a resposta escrita está sob controle de um estímulo também escrito.

No comportamento ecoico e na transcrição há uma correspondência formal entre a resposta e o estímulo. Já no comportamento textual a correspondência é ponto a ponto entre sistemas dimensionais diferentes. Porém, existem respostas verbais que não apresentam correspondência formal ou ponto a ponto com os estímulos que as evocam, como é o caso do comportamento intraverbal. Num repertório adulto, as relações intraverbais são o resultado de milhares de contingências variadas que podem ser inconsistentes e conflitivas. Assim, uma única palavra-estímulo pode controlar uma grande variedade de respostas, assim como muitas palavras-estímulo diferentes podem controlar uma única resposta. Skinner (1957/1978) exemplifica estas relações no seguinte trecho:

o reforço educacional constrói muitos operantes verbais diferentes envolvendo os números cardinais. *Quatro* é parte da ocasião para *cinco*, no processo de aprender a contar; para *seis*, quando se aprende a contar de dois em dois; para *um*, quando se está aprendendo o valor de π , e assim por diante. Por outro lado, muitos estímulos verbais diferentes controlam a resposta *quatro*, por exemplo, *um*, *dois*, *três* ou *duas vezes dois*... (p. 99)

Apesar dessa ampla descrição das funções dos operantes verbais, resta ainda explicar alguns tipos de resposta, especialmente, as que sugerem o comportamento de um “sistema organizador”. Skinner (1957/1978), explica essas respostas considerando que parte do comportamento de um organismo torna-se uma das variáveis controladoras da outra parte. Esse sistema de

controle também é comportamento e pode ser explicado pelas mesmas leis comportamentais. Skinner explica três tipos de autoclíticos: o qualificador (negação e a asserção); o quantificador e o descritivo.

Skinner (1957/1978) chama de autoclíticos descritivos os que revelam algo sobre as condições do falante ou das condições nas quais a resposta é emitida. Alguns tipos são exemplificados: a) informa o ouvinte sobre qual operante verbal o acompanha; b) descreve a força de uma resposta; c) descreve as relações entre a resposta verbal que o acompanha e outro comportamento verbal do falante ou ouvinte, ou outro estímulo que antecede a resposta; d) indica a condição emocional ou motivadora do falante, o que modifica a reação do ouvinte e/ou acentua sua relação pessoal com o falante; e) autoclíticos negativos que qualificam ou cancelam a resposta a que eles se seguem e podem ter o efeito de evitar que a resposta verbal seja punida e f) os autoclíticos que indicam a emissão da resposta.

Apesar de todas esses operantes descritos por Skinner, não se espera que esses operantes apareçam de forma pura no comportamento. O comportamento verbal, assim como todo comportamento, é multideterminado, está sob controle de múltiplas variáveis. (ANDERY E SÉRIO, 2001/2008)

É essencial, então, diferenciar alguns níveis de controles pelos quais as pessoas respondem numa relação verbal. Guilhardi (2001) apresenta os níveis de controle observados na relação psicoterapêutica em que o analista do comportamento não tem acesso ao comportamento e sim ao discurso do cliente sobre as contingências de sua vida. Os níveis encontrados são: as autorregras, estímulos que descrevem as contingências produzidas pelo comportamento verbal do cliente; as regras, que são as descrições verbais que especificam contingências não produzidas pelo falante e as contingências não-verbais.

O controle por autorregras ou regras sobre o comportamento do cliente é fraco, por ser meramente uma descrição. O controle real do comportamento é exercido somente pelas contingências da vida da pessoa. O terapeuta, portanto, deve ser capaz de manejar as contingências verbais, a fim de que o cliente seja capaz de observar melhor as contingências vividas, ou seja,

aumentar a sua auto-observação e o seu autoconhecimento. Isso gera uma descrição mais afinada da realidade, sob controle da discriminação dos estímulos não-verbais (tato) e possibilita duas coisas: ao terapeuta, a formulação de hipóteses mais precisas e ao cliente, a possibilidade de manejar as variáveis responsáveis pelo seu comportamento. (GUILHARDI, 2001)

A ACD é realizada a partir do registro e transcrição das respostas verbais obtidas numa entrevista ou interação; posteriormente, isolam-se os segmentos do comportamento verbal de interesse; inferem-se seus operantes essenciais e elos temáticos intraverbais surgidos a partir dos operantes “e, por fim, a estrutura autoclítica principal que envolve esses operantes”. (BORLOTI, *et al.*, 2008, p. 105)

Conforme Skinner (1957/1978), o repertório é compreendido como o comportamento verbal potencial de um falante. Considera-se não apenas as formas do comportamento, mas os contextos em que ele é emitido, as circunstâncias que controlam sua emissão. É importante que atentemos ao operante verbal, o que consiste em observar a resposta e o seu efeito sobre o meio, o qual retroage sobre o organismo. De acordo com Borloti (2012), a ACD permite a identificação dos antecedentes e consequentes, além dos sentidos desses estímulos na história ontológica e cultural da pessoa que discursa, assim, o analista tem acesso a quais relações de controle estabeleceram e mantiveram o discurso.

Portanto, ao considerar o discurso como fruto das práticas da comunidade que o mantém, evidencia-se que ele controla e é controlado pelo ouvinte. Assim, a sentença que o falante emite é um estímulo discriminativo verbal, que tem como função a orientação do comportamento do ouvinte, no caso da ACD, do analista do comportamento. A sentença pode ser um argumento, ou seja, ser um comportamento verbal que dispõe de tatos e intraverbais modificados por autoclíticos particulares, o que produz dois efeitos unificados: o convencimento (o ouvinte pensa como o falante) e a persuasão (o ouvinte se emociona). (BORLOTI, 2012)

Além disso, Borloti (2012) afirma que a sentença envolve um argumento central, aquele que é o posicionamento do falante acerca de um tópico e

mantém-se consistente, mas também envolve os argumentos adicionais, ou seja, a emissão de operantes verbais que tem a função de aumentar o controle das variáveis envolvidas no argumento central, de complementar este argumento. A ACD, portanto, deve buscar o argumento central e verificar os argumentos adicionais que podem de fato complementá-lo e/ou verificar a existência de argumentos que o contradizem.

A prática de jogar futebol constitui-se como uma classe de respostas que é parte de uma contingência social. Objetiva-se, através do relato das mulheres que praticam esse esporte e dos conhecimentos tanto da Análise do Comportamento, quanto do que o feminismo e sua história vem acumulando sobre as agruras e transformações acerca do papel da mulher, levantar hipóteses sobre as variáveis as quais mantém as mulheres na prática do futebol profissional, mesmo quando o ambiente apresenta consequências que, em outras situações, diminuiriam a frequência da classe de respostas correspondente. Além disso, tem-se como objetivo analisar, através da Análise Comportamental do Discurso como os relatos controlaram o comportamento da pesquisadora para identificar tais variáveis e formular as categorias.

Crê-se que possíveis avanços para as mulheres no esporte podem apresentar-se como possibilidade a partir da compreensão sobre a realidade das contingências vividas pelas atletas no Brasil e quais consequências possivelmente mantém a prática do futebol feminino.

2 MÉTODO

2.1 Participantes

As participantes foram cinco mulheres atletas de futebol profissional do Estado de São Paulo, localizadas através de uma rede social, incluídas na pesquisa quando aceitaram participar dela mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2.2 Instrumento e Procedimento de coleta

O instrumento para coleta dos relatos foi uma entrevista semiestruturada, realizada individualmente, buscando colher dados sobre a história dessas atletas dentro e fora do esporte, principalmente sobre como elas passaram a jogar futebol e quais as contingências atuais desta prática. As cinco entrevistadas foram contatadas via Instagram pessoal. Tais entrevistas ocorreram de duas formas: a primeira, pessoalmente, no clube onde a atleta treina, e as outras quatro, devido às restrições de contato pessoal impostas pela pandemia da Covid-19 deram-se via videochamada no *whatsapp*. Na entrevista realizada pessoalmente, o termo (Apêndice 1) foi assinado à mão; já nas entrevistas online, o termo virtual (Apêndice 2) foi assinado via Formulários Google. Todas foram gravadas, mediante consentimento das participantes, e transcritas posteriormente.

Buscou-se responder, através da entrevista semi-estruturada, as seguintes perguntas sobre a vida das jogadoras:

- 1) Dados de identificação: idade; onde nasceu; onde mora; com quem mora; estado civil; se tem filhos.
- 2) Quando começou a jogar futebol?
- 3) Por que começou?
- 4) Qual o caminho percorrido até chegar ao clube em que está?
- 5) Como foram as condições familiares e financeiras nesse caminho?
- 6) E hoje? Qual a dinâmica e cronograma de treinos e jogos?
- 7) Exerce outra atividade remunerada?
- 8) Qual a relação com as colegas de time?
- 9) Quais seus planos para o futuro?

2.3 Procedimento de análise

Todo o material coletado foi transcrito e, a partir da leitura das entrevistas realizadas, selecionaram-se, marcando nas transcrições, possíveis variáveis antecedentes e consequentes importantes para a manutenção do comportamento das mulheres jogarem futebol. Nos trechos das entrevistas apresentados nos resultados e discussão todos os nomes de pessoas e de clubes foram mantidos em sigilo. No caso das pessoas, foram substituídos por um nome fictício e, no caso dos clubes, por uma numeração. As características de cada clube citado estão apresentadas no Apêndice 3.

Com os trechos selecionados montou-se uma tabela no *excel* para cada atleta, utilizando os termos centrais de cada trecho para classificá-los de acordo com a propriedade de serem antecedentes ou consequentes. A partir desta tabela, foram formuladas categorias para descrever os diferentes eventos.

Três categorias representavam as possíveis consequências reforçadoras, são elas: reforçadores sociais, reforçadores econômicos, reforçadores intrínsecos. A categoria dos reforçadores sociais refere-se aos reforçadores generalizados sociais, ou seja, os que requerem a mediação de outro indivíduo. Alguns exemplos importantes nesse contexto são: atenção e aprovação. Os reforçadores econômicos são a categoria em que o controlador oferece dinheiro em troca do trabalho; nos casos aqui apresentados, a remuneração ocorre em esquema de intervalo fixo, ou seja, a cada mês de trabalho elas recebem o valor combinado. Os reforçadores intrínsecos relacionados ao esporte são as consequências produzidas naturalmente pela prática.

Já as condições antecedentes foram representadas pelas seguintes categorias: condições financeiras, condições de trabalho e planos para o futuro. A categoria das condições financeiras refere-se à condição de acesso a reforçadores básicos como alimentação, moradia e saúde que independem da prática do esporte. As condições de trabalho envolvem a estrutura dos clubes em que a atleta atuou e atua e/ou dos campeonatos disputados por ela. Os planos para o futuro serão aqui chamados de regras, enquanto descrição de

contingências, envolvendo as condições em que a resposta deve ser emitida, a resposta e, principalmente, consequências a longo prazo importantes a serem produzidas por essa resposta.

O procedimento envolveu, ainda, isolar um segmento de comportamento verbal de interesse para cada categoria de reforçadores e de condições antecedentes e inferir “os operantes essenciais e elos temáticos intraverbais surgidos no encadeamento desses operantes” (BORLOTI, 2008, p. 105), ou seja, foi feita uma análise comportamental do discurso, de acordo com os preceitos da Análise do Comportamento, a partir do relato das participantes e conforme as definições dos operantes verbais anteriormente descritos (SKINNER, 1957/1978).

Além disso, foi destacado o argumento central do discurso da entrevistada, assim como os seus argumentos adicionais, sejam eles complementares ou não em relação ao argumento central. Além disso, atentou-se para os possíveis operantes verbais aparentes nos relatos. A partir desse proceder descrito, pretendeu-se explicar como a pesquisadora formulou as categorias responsáveis pela manutenção do comportamento das atletas de jogar futebol profissionalmente.

É importante considerar, ainda segundo Borloti (2008), que ao estudar um discurso, a pesquisadora buscou compreender quais os efeitos que ele tem sobre ela, atentando às funções do processo autoclítico, ao considerar a ACD como “o resultado da discriminação das variáveis que controlaram o comportamento do analista em contato com o registro do discurso” (BORLOTI, 2008, p.105). Além disso, serão considerados alguns pontos explicitados pelo autor no uso da ACD:

1. Os materiais verbais que estão sob análise foram produzidos num contexto em que os comportamentos emitidos têm a função de modelar um comportamento verbal discriminativo no repertório da analista, influenciando, ainda, seu comportamento verbal subsequente, o que o induz a funcionar de acordo com um discurso coerente;
2. O estudo usando a ACD deve ter como objetivo colocar a analista do discurso frente ao registro do comportamento de interesse, através dos

- modos de descrição, indução de culpa, argumentos favoráveis, forma de convencimento, entre outros, de modo a observá-lo diretamente;
3. A repetição do discurso, através da releitura do registro ou de ouvir a gravação várias vezes forçará o contato da pesquisadora com novas propriedades e estímulos que podem ser relevantes. Tal retomada deve propiciar a identificação de comportamentos de interesse e de eventos antecedentes que possam estar funcionalmente relacionados a eles;
 4. Agrupar os comportamentos de interesse em classes que compartilham funções comuns;
 5. A análise, “ou seja, responder verbalmente sob controle do que observou e sob controle de outras fontes verbais” (BORLOTI, 2008, p. 106) deve ser feita a partir dos repertórios discriminativos adquiridos a partir desse contato da pesquisadora com o discurso;
 6. A pesquisa baseada na Análise do comportamento deve, ainda, conduzir a analista do discurso a focar em “como” as variáveis do ambiente agem/agiram para controlar o comportamento, ao dar um sentido anti-mentalista ao comportamento em observação;
 7. A pesquisadora, ainda, deve estar focada, principalmente, em seu próprio comportamento ao conduzir cada passo da análise, ao considerar que a ACD é uma maneira de descrever o comportamento de analisar e das variáveis ambientais envolvidas na análise. Logo, a análise deve incluir uma descrição funcional de seu próprio comportamento, discriminando verbalmente quais amostras do discurso foram selecionadas e por quê.

É relevante considerar também, segundo Skinner (1957/1978), que certos detalhes do comportamento são perdidos durante o registro, como, por exemplo, detalhes gestuais. Por isso, podemos inferir fatos e condições sobre as condições reais, desde que as propriedades essenciais sejam mantidas. Quando isso acontece, devemos considerar e esclarecer o status de tais inferências.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas aconteceram entre fevereiro e abril de 2020. Foram participantes atletas profissionais de três diferentes clubes do Estado de São Paulo cuja idade variou de 19 a 23 anos.

Giovanna é uma mulher de 21 anos, que atualmente joga por um clube da série A2 do Campeonato Brasileiro Feminino, começou a praticar o esporte aos 4 anos e joga futebol profissionalmente desde os 17 anos. Stella tem 23 anos e compõe o elenco de um clube da série A1 do Campeonato Brasileiro, joga futebol profissionalmente desde os 19 anos, mas sua prática começou ainda criança. Larissa joga num clube da série A2 do Campeonato Brasileiro, atua de forma profissional desde os 17 anos e joga futebol desde os 6 anos. Caroline tem 22 anos, atua num clube da série A2 do Campeonato Brasileiro joga futebol desde os 4 anos, profissionalmente desde os 18 anos. A última entrevista, Letícia, tem 20 anos, pratica o esporte desde os 5 anos, profissionalmente desde os 18 anos, e atualmente compõe o elenco de um clube da série A2 do Campeonato Brasileiro.

3.1 Categorias de reforçadores:

A partir das entrevistas, identificamos as categorias apresentadas abaixo, com os respectivos trechos relacionados:

3.1.1 *Reforçadores Sociais:*

Segundo os dados obtidos é possível identificar uma grande quantidade de falas apontando os reforçadores sociais como consequências importantes para a manutenção da prática. Essas consequências aparecem relacionadas com diferentes fontes, que serão apresentadas a seguir.

Tabela 2 - Número de atletas que citaram cada tipo de reforçador social

Reforçadores Sociais	Nº de entrevistadas
Boa relação com a equipe	5
Seleção Brasileira	2
Incentivo dos familiares	2
Reconhecimento público	2
Respeito das colegas	2
Apoio do treinador	1

As entrevistadas citam que o apoio dos familiares e amigos foi muito importante nessa trajetória, o que demonstra que é essencial a participação dos círculos sociais são fontes de diversos reforçadores generalizados, em suas carreiras:

[Stella]: “Acho que o meu maior incentivo sempre foi daqui de dentro de casa, dos meus familiares, tanto do meu pai, minha mãe, minha vó, meu irmão. Todo mundo sempre gostou muito, mesmo quando eu ‘tava um pouquinho cabisbaixa chegava meio triste, eles “não meu, vamo aí” então eu sempre tive esse incentivo dentro de casa, então acho que minha maior motivação assim é isso (...)”

[Letícia]: “quem me ajudou mais foi a minha mãe e ela sempre me falou que eu ia conseguir, que eu ia melhorar, ia treinar, e aí às vezes, tem vezes que meu pai falou pra eu esquecer isso, mas depois logo em seguida ele ia vinha dizendo que ia dar certo, que só podia dar certo, que eu tinha que fazer. Então, foram mais meu pai, minha mãe, eles me incentivaram e teve um professor da escola também, o Thiago, que me ajudou muito.”

Ao considerar o que Salvini e Marchi Júnior (2013) dizem sobre o preconceito com o futebol feminino existir até hoje em decorrência, principalmente, dos discursos sobre quebra de feminilidade, pode-se questionar quantas mulheres têm o apoio da família para seguir adiante com seus planos. Aqui, os relatos apresentados são de mulheres que tiveram esse apoio e puderam investir na carreira do futebol, mas o que Salvini e Marchi Júnior apresentam indica que a maioria das mulheres são desencorajadas

desde crianças, o que implica um número menor de pessoas que avançam nessa carreira.

Porém, ao entrevistar essas mulheres que tiveram esse apoio familiar e ingressaram profissionalmente no futebol, é possível destacar que outro fator citado como relevante para a manutenção da prática foi a boa convivência com as colegas atletas e também com a equipe de profissionais do clube.

[Giovanna]: “eu acredito que quando a gente traça o mesmo objetivo e busca aquilo independente das desavenças que existem, a gente tem que matar e morrer dentro de campo uma pela outra né, então assim claro que fora de campo tenho mais amigas e mais amizades do que outras, mas eu sempre tento ter todo mundo, ajudar todo mundo, até porque sou uma das mais velhas, mais experientes de time. Pra gente conseguir pelo menos ter um grupo bem unido, assim, né, porque muitas vezes eu falo, pode até parecer que não, mas pra mim grupo ganha jogo, pode não ter as melhores, melhor tecnicamente, mas se ‘tá todo mundo no mesmo foco, ou no mesmo objetivo, a gente consegue.”

[Stella]: “É muito boa, é tipo uma relação bem saudável até, porque a gente mora em alojamento né, apartamento eu divido com quatro, mas é tudo muito perto então a gente tem contato o tempo inteiro, a gente tem dois períodos de treinamento, tanto de manhã quanto à tarde, então acaba sendo a nossa família, né? A gente fica longe dos nossos familiares, mas a gente tem muito companheirismo, a parceria realmente é bem grande sim, tanto com nós atletas, né? Quanto a comissão técnica também porque, eles também deixam essa liberdade pra gente, meio que fazer o que quiser, tipo, conversar com eles o tempo que quiser se precisar de alguma coisa, então é um relacionamento bem saudável assim, bem gostoso de ter, realmente é uma família assim, é um vai apoiando ao outro. É bem legal.”

[Larissa]: “Ah, o nosso time ele não tem muito, não tem problema, não tem panela, não tem essas coisas, todo mundo é amiga e tal. É muito boa a nossa relação e, tenho minhas amigas lá, a gente zoa e tal, é bem tranquilo quanto a isso.”

[Caroline]: “a relação é bem, é bem assim, legal, até porque eu sou uma pessoa muito aberta, eu sou uma das 4 meninas mais velhas do elenco, então acho que tem aquela relação um pouco de respeito, com um pouco de "Ah, ela já jogou uma Copa do Brasil, ela já jogou um Campeonato Paulista" então tem muita menina do Clube 1 que ainda é nova, tem apenas 17 anos, que ainda não vivenciou isso, então eu acho que é muito importante nós, que somos mais velhas, passar um pouco da nossa experiência pras mais novas, entende? Então tipo essa relação que a gente tem é bem legal.”

[Letícia]: “a relação é tranquila né? são meninas de vários lugares, é... algumas a gente já se encontrou em outras vezes, em outros lugares, em outros times. Mas acho que relação assim é muito tranquila, é claro que chega um momento que tá todo mundo estressado, que você não se dá com alguma ou com outra, mas é tudo tranquilo, cada uma respeita o espaço da outra e se você não gosta não precisa desrespeitar aquela pessoa né, mas a gente convive bem e dentro de campo é todas por todas.”

Compreende-se, a partir dos relatos acima, que as colegas e os profissionais do clube aparecem como uma fonte de reforçadores sociais generalizados apresentados contingentemente ao trabalho no futebol, o que, provavelmente, aumenta a probabilidade das respostas de frequentar o espaço do clube ocorrerem, o que é essencial para a resposta de jogar futebol ser possível. No caso da atleta Stella, ainda, é relatado que por morar longe de sua família e junto com as colegas de time, construiu-se uma relação semelhante a de uma família através da grande convivência e da boa relação entre elas.

Em decorrência desse trabalho dentro dos clubes, outro reforçador pode vir a compor o contexto dessas atletas. Duas entrevistadas citam positivamente a possibilidade de representar a seleção brasileira, o que caracteriza um reconhecimento do trabalho delas:

[Giovanna]: “Mas eu desejo, o meu maior sonho hoje, depois de já ter pego seleção, que era o meu sonho antes, peguei seleção, realizei.”

[Letícia]: “Assim, pro futuro eu pretendo retornar pra seleção, é... era onde eu ‘tava melhor né?, na minha, minha fase acho que [inaudível] e eu ‘tava na seleção né?”

Também é possível identificar nas falas o reconhecimento do trabalho delas através do engajamento da torcida tanto ao vivo quanto em redes sociais como consequência social de seus trabalhos. Esses relatos legitimam a luta por maior visibilidade do esporte em grandes veículos midiáticos, que proporcionam contato com o futebol feminino por parte do grande público. Dessa forma, reforços sociais importantes como atenção, prestígio, afeto e aprovação podem ser apresentados em maior escala e por diversas vias.

[Stella]: “E aí então agora no Clube 2 sendo um pouquinho mais conhecida né? em termos de torcida é gostoso ver o carinho que as pessoas têm por mim, por jogar, por ‘tá representando uma grande camisa então é muita criança que manda mensagem no *instagram*, manda vídeo, falando que gosta, que se inspira, então, acho que minha maior alegria é isso, é ver que eu to fazendo alguma coisa que tá servindo de espelho e de exemplo pra geração mais nova e também mais idosos também, que nossos jogos têm bastante idoso de torcida e geralmente tem bastante gente que pede pra tirar foto comigo, autógrafo, ou se não pede nada disso, fala que só me admira pelo jeito que eu trato as pessoas, sem essa diferença, então, é um carinho muito gostoso que realmente é um combustível pra gente né?, então acho que fico muito muito feliz com isso e se antes eu não pensava em desistir, hoje muito menos né?, porque eu vejo que ‘tá dando certo, que to no caminho certo e a tendência é só melhorar”

[Stella]: “e foi um ano muito legal, assim, de várias descobertas minhas, foi um ano que exigiu bastante, eu era um pouquinho mais experiente, era um time um pouco mais novo também. Então foi onde eu consegui me destacar né?.”

[Stella]: “Mas eu acho que eles meio que ‘tão gostando, foi uma surpresa boa pra todos os times né?, até o próprio Clube 2 que não tinha time feminino e montou também ano passado, eles estão tendo retorno ‘tão vendo que ‘tá tendo bastante retorno, que ‘tá sendo uma coisa boa, a torcida ‘tá cobrando

muito também, 'tá ficando no pé, então eu acho que essa lei veio pra mudar tudo, veio pra mudar tudo foi o pontapé inicial para essa mudança no futebol feminino”

[Stella]: “Eu acho que ficou tudo um pouco melhor, em mais evidência, depois da copa do mundo. Eu acho que a audiência que teve na copa do mundo foi absurdo, acho que ninguém esperava antes de começar, ninguém esperava a surpresa pra todo mundo que ia dar tanta audiência, que todo mundo ia parar pra assistir, tanto a Globo passar ao vivo os jogos, ter um retorno muito positivo, eu acho que a tendência é só melhorar, porque agora sendo obrigatório também né? todos os times de série A, tanto da série B a partir do ano que vem vai ser obrigado também a ter um time feminino então isso vai incentivar muito porque tem muita menina que gosta, que tem futuro, então acho que é bem legal essa iniciativa.”

[Letícia]: “Assim, depois da copa, eu acho que deu um passo gigantesco assim, questão de visibilidade, de estrutura, de reconhecimento, depois disso eu acho que foi o grande né? passo dado, mas estava vindo caminhando, devagarzinho, mas eu acho que é um momento muito importante pra gente que é a nova geração né?, tem que agradecer muito porque as meninas antes, vamos dizer Cristiane, Marta, Formiga, não tiveram isso na nossa idade, entendeu? Elas podem ter vivido claro assim, coisas melhores, mas depois de um bom tempo, depois de uma grande luta e a gente 'tá tendo agora nova, tem base, tem já um clube que te paga mesmo você sendo base, né?, então eu acho que é um ganho muito grande e a gente tem que fazer um bom proveito né?, acho que é mais um bom proveito da nossa geração né?, mas esse reconhecimento 'tá sendo muito importante e muito, acho que muito útil né?, mas eu acho que mais pra quem é mais antigo, elas vê o avanço que o futebol deu e elas sendo muito mais felizes porque é uma luta delas constante de faz tempo. Eu até agradeço, sou muito feliz por ter dado esse passo gigante, mas eu ainda agradeço as meninas mais velhas porque através delas que aconteceu isso e hoje a gente 'tá disputando algo que elas não pôde disputar na nossa idade.”

Parte desses reforços sociais ligados com o público é resultado claro dos supracitados avanços protagonizados pelo futebol feminino nos últimos anos: a obrigatoriedade dos clubes de futebol masculino terem também equipes femininas e a transmissão e cobertura da Copa do Mundo Feminina em 2019. Esses dois fatores são apresentados na introdução e nos relatos quando as atletas citam a torcida dos clubes atualmente como fonte de reforçadores sociais e a audiência para a modalidade durante a Copa. Também é mencionado que esses avanços não foram conquistados sem esforço, mas foram fruto da luta das muitas mulheres que praticaram esse esporte em péssimas condições. Mulheres que, ilustradas pelos nomes de Cristiane, Marta e Formiga, hoje comemoram esses passos dados, mas sabem que ainda há um longo caminho a percorrer.

Os possíveis reforçadores sociais, portanto, são relatados de diversas maneiras: o apoio da família, a convivência com as colegas e com a comissão técnica, a seleção brasileira, assim como, o reconhecimento e a visibilidade de seu trabalho. Como grande parte do repertório comportamental é formado a partir das relações sociais (ANGELO e BISSOLI, 2016), pode-se destacar tais reforçadores como essenciais para a manutenção da prática. Porém, também é possível analisar outros reforçadores através do discurso das participantes, como, por exemplo, os reforçadores econômicos.

3.1.2 *Reforçadores Econômicos:*

As consequências aqui classificadas como reforçadores econômicos são apresentadas pelas entrevistadas de três formas: auxílios financeiros, salários e as chamadas “diárias” da seleção. Eles se diferenciam em quantidade e frequência do recebimento dessa consequência, de forma que os auxílios têm um valor baixo, que contribuem basicamente para que as atletas possam se deslocar até o clube sem despender dinheiro próprio; os salários são valores maiores, elas recebem também a partir do trabalho delas, mas possibilitam certa independência em relação aos pais, visto que não servem apenas para o pagamento do transporte ou alimentação, mas também para alguma outra atividade ou bem que elas possam querer; as diárias da seleção aparecem num relato quase num sentido de “privilegio”.

Tabela 3 - Número de atletas que citaram cada tipo de reforçador econômico

Reforçadores Econômicos	Nº de entrevistadas
Salário	3
Ajuda de Custo	3
Diária da Seleção	1

Salário:

[Giovanna]: “eu comecei a ter um salário, em 2019, 2018 para 2019 eu tive um salário.”

[Giovanna]: “Eu sou registrada, então eu recebo pra jogar futebol.”

[Stella]: “acho que já tem uns 2 ou 3 anos que eu meio que consigo sobreviver sozinha com o dinheiro que recebo então é consigo me virar sozinha, pago minhas contas, tenho meus afazeres e ajudo eles [pais] também, contribui né? Sempre que pode. Mas hoje em dia é muito mais tranquilo, esse perrengue financeiramente acho que passou e é totalmente diferente, claro que ainda é bem longe do masculino né, acho que a realidade deles, acho que nunca vai se igualar à nossa, mas tá sendo muito mais tranquilo, consigo fazer tudo hoje independente, sem precisar da ajuda deles financeira e hoje isso é bem legal, bem gostoso.”

[Caroline]: “(...) pelo Clube 6 eu ganhava 1000 reais, hoje em dia eu não ganho nem metade disso pelo Clube 1, eu ganho muito menos”

De acordo com os relatos, os salários são possíveis contingências de reforçamento positivo, isso porque as condições de alimentação, moradia e saúde podem ser garantidas pelas famílias das atletas, porém questiona-se até quanto tempo essa relação poderá se manter, considerando a magnitude do reforçador, ou seja, o valor em dinheiro recebido por essas atletas. Provavelmente, em alguns anos elas não poderão mais contar com o total apoio financeiro dos pais para bancar as condições de vida mais básicas, o que implicará no uso do salário para tais fins. Porém, com salários tão baixos pode ser inviável manter uma boa condição de vida através do futebol. Algumas

participantes mencionam, ainda, o recebimento da diária da seleção como consequência de seu trabalho.

Diária da Seleção:

[Letícia]: “quando eu cheguei na seleção eu nem sabia que a gente recebia né, na seleção você recebe diária e eu nem sabia, eu não fazia noção disso, quando isso aconteceu me perguntaram foi uma surpresa eu achei “não... pra que? Achei que eu que ia pagar” Mas aí eles falaram que era pra pagar a diária e ai quando pagaram a diária é foi algo que deu na minha cabeça que tipo ‘sim dá pra viver de futebol, da pra viver realmente do nosso sonho, não é um salário mega gigantesco, mas dá pra você continuar o seu sonho e ter o seu sossego”

Quando nos referimos à diária da seleção como consequência, ela parece estabelecer uma relação de reforçamento positivo financeiro, embora seja possível que os reforçadores sociais e as condições de trabalho envolvidas nesse contexto também sejam relevantes, como a estrutura de treinamento, as competições disputadas, a visibilidade e reconhecimento do público e, possivelmente, o alcance de seu trabalho para clubes maiores. Porém, também é relatado o auxílio financeiro como outra consequência financeira importante na prática do futebol.

Auxílios financeiros:

[Stella]: “eu fui começar a receber ter minha primeira ajuda de custo no Clube 4 mas era uma ajuda mínima também não chegava nem a 500 reais”

[Larissa]: “Só que assim eu quero muito conseguir minhas coisas através do futebol, aí por enquanto eu consigo, eu tento conciliar os dois, aí tipo eu não recebo absurdo, eu não recebo tão bem porque eu trabalho bem menos né na oficina dos meus pais e no Clube 1 é só uma ajuda de custo.”

[Caroline]: “Clube 4 aí eles davam essa ajuda de custo, tudo bem, então minha família não precisava me dar dinheiro em relação a isso, quando eu fui pro Paraná eu recebia um salário de mil reais.”

[Caroline]: “o clube veio me dar uma... uma... relação financeira há pouco tempo, então, o que o clube dá pras atletas hoje em dia e para as que recebem é ra...é somente pro transporte mesmo, se eu falar ‘ah sobra pra eu dar uma saída’, não, não sobra, então é pra eu ir treinar mesmo.”

Esses auxílios aqui apresentados aparentam estabelecer uma relação de reforçamento negativo, na medida em que eles não acrescentam financeiramente à vida da atleta, apenas impedem que elas gastem dinheiro do próprio bolso para poder praticar o esporte, o que pode ser considerado um estímulo aversivo.

Esse reforçador, portanto, caracteriza uma condição que é insustentável a longo prazo, isso porque essa relação pode produzir uma série de efeitos indesejáveis: fuga, esquiva e até o estabelecimento de outras respostas incompatíveis que estejam sob controle de reforçamento positivo. Podemos ler essa indicação quando elas relatam que fazem faculdade, pensando em outras alternativas de trabalho, visto que não podem contar com o sucesso financeiro no futebol.

[Larissa]: Estudo, faço faculdade.

[Pesquisadora (P)]:: De que?

[Larissa]: Administração.

[...]

[P]: Sim, e você tem alguma pretensão com a faculdade que você tá fazendo? De atuar também como administradora?

[Larissa]: Olha, eu tinha dois planos né, o primeiro é futebol e o segundo, caso não dê certo o futebol, era seguir a empresa dos meus pais. Então, e outra acho que administração ajuda muito também a você se, a você ter administração da sua própria vida, entendeu? Então, tipo, acho que me ajudaria também na carreira, acho que tem bastante função.”

“[Letícia]: Vou pra faculdade. Então vamos dizer que minha rotina é essa: é treino de manhã e de tarde e à noite faculdade. Quando tem jogo a gente viaja um dia antes, viaja, joga e retorna.

[P]: Você faz faculdade de que?

[Letícia]: De educação física, licenciatura.

[P]: E você pretende... tem algum plano de exercer isso? Junto com futebol, ou depois, enfim...

[Letícia]: Sim, eu, na verdade eu 'to fazendo agora porque no momento que eu fiquei machucada eu já tinha iniciado, então, eu não achei viável parar sendo que eu já tinha feito um ano e meio. Então, eu não pretendo usar agora, pretendo continuar minha carreira no futebol o máximo que eu puder, se eu puder jogar até uma idade como a da Formiga, eu joga, mas assim que eu terminar assim minha carreira de atleta eu quero sim estar no meio, no meio do esporte, eu vou fazer o bacharel e também e.. tipo, eu queria assim meio do futebol, preparadora física, técnica, e eu também gostaria de fazer fisioterapia que é uma outra que eu gosto. Mas eu queria estar inserida no meio do esporte, poderia ser futebol masculino, poderia ser handball, poderia ser basquete, nataçãõ, assim, no meio do esporte porque eu gosto assim, no meio do esporte, mas não pretendo trabalhar com escola né. Eu 'to fazendo licenciatura, mas não é meu objetivo ir trabalhar em escola, é mais em clubes mesmo.”

[Caroline]: “Muitas das vezes precisa de algo da CBF então eu não joguei no Clube 5 nenhum jogo oficial por conta disso, então do Clube 5 eu saí, saí do Clube 5 e fiquei por fora do futebol feminino durante dois anos, que eu dediquei a minha vida só pra estudar, fazia faculdade no Paraná, fisioterapia, eu sai do Clube 6, fui pra Clube 5 e falei "cara não dá mais, eu não aguento mais ficar lutando pelo futebol feminino”, é uma coisa q na minha cabeça no momento eu não ia crescer, eu 'tava com outras perspectivas de vida, de futuro, então eu falei "cara eu vou começar a estudar, começar a fazer uma faculdade" Eu comecei a fazer faculdade em Foz, como Foz não tem muito time feminino, só tinha o Clube 6, lá no Paraná, na cidade onde eu 'tava

morando então tipo eu perdi a oportunidade de jogar no Clube 6 quando eu saí de lá e eu pensei ‘como eu to aqui já e to morando, eu vou começar a fazer só faculdade, quem sabe mais pra frente pensar em futebol.’ eu fiz dois anos de faculdade lá no Paraná mesmo, e aí no ano passado eu decidi voltar pra São Paulo e tentar retornar pro futebol feminino.”

Portanto, pode-se discutir também, que, além de terem um plano alternativo para o caso de “não darem certo” no esporte, as atletas também se preparam para a aposentadoria dessa profissão. Isso porque ainda que elas obtenham sucesso na carreira sonhada, provavelmente os frutos desse trabalho não serão suficientes para poupar parte desse dinheiro a ponto de elas não precisarem mais trabalhar quando se aposentarem. Relação muito diferente dos atletas de futebol masculino, que quando conseguem inserir-se em grandes clubes, podem manter um padrão de vida financeiro alto até o fim da vida.

O discurso de Caroline sobre ter ficado sem jogar pela demora de emissão de documentos por parte da CBF indica uma série de obstáculos burocráticos que podem implicar numa quebra da carreira dessas atletas. Aqui, é possível fazer um paralelo com os obstáculos proibitivos que foram implementados em maior escala durante a Ditadura Militar. Atualmente, os obstáculos não podem mais impedir a prática, porém, diferentes instrumentos atuam para tornar mais difícil o êxito das mulheres no futebol feminino. Condição semelhante à descrita por Beauvoir (1967), que constitui a epígrafe deste trabalho.

Quando relacionamos o discurso de Caroline sobre obstáculos burocráticos com a fala de Stella sobre a pressão da torcida ser importante para que os clubes invistam no futebol feminino, podemos refletir sobre avanço dos movimentos sociais, especialmente o feminista, e sua contribuição para que não seja mais aceitável a proibição do esporte. Atualmente, o feminismo contribui para que a modalidade conquiste diversos avanços já que foi por meio da pressão das e dos fãs do esporte que a CONMEBOL estabeleceu as medidas que hoje fazem com que os clubes de futebol masculino invistam na modalidade feminina.

Portanto, a implicação das torcidas e dos movimentos feministas na cobrança por melhores condições de trabalho para as mulheres no futebol é imprescindível para que os obstáculos sejam diminuídos ou, quem sabe, retirados. Porém, a visibilidade do esporte na grande mídia é necessária para que isso aconteça, visto que somente através dela mais pessoas podem entrar em contato com o esporte e passar a apoiá-lo.

Além disso, outros fatores relatados pelas atletas indicam que existem algumas consequências naturais produzidas pela prática. Tais consequências constituem a categoria dos reforçadores intrínsecos.

3.1.3 *Reforçadores Intrínsecos*

As falas parecem revelar, ainda, que algumas dessas consequências produzidas naturalmente pela própria prática do esporte podem ser importantes mantê-la. Quando as atletas relatam a importância da própria regularidade na prática; do gosto por driblar ou fazer gol e continuar a carreira até quando for possível e, quando não for mais, buscar outras profissões que estejam inseridas no meio esportivo, elas salientam a existência de reforçadores envolvidos na própria prática e que não dependem das mediações de outras pessoas, como as consequências que podemos ver a seguir.

Tabela 4 - Número de atletas que citaram cada tipo de reforçador intrínseco

Reforçadores Intrínsecos	Nº de entrevistadas
Driblar	1
Fazer gol	1
Gosto por jogar	1
Crescimento individual	1
O meio do esporte	1

[Stella]: “O que eu tenho como objetivo esse ano é conseguir manter uma regularidade boa no Clube 2”

[Larissa]: “Mas eu não sei dizer o que me estimulou a jogar, eu sempre gostei, eu via os meninos jogando e falava ‘nossa quero jogar também.’”

[Larissa]: “Ah eu gosto de driblar - risos -, gosto muito de driblar e fazer gol, lógico.”

[Caroline]: “Todas as vezes que ele ia jogar eu sempre ia acompanhar ele nas quadras, no campo e eu comecei a pegar gosto por aquilo.”

[Caroline]: “Eu acho que tudo que a gente faz é um crescimento individual, é claro que um time forte ajuda, só que a gente cresce mesmo individualmente”

[Letícia]: “Então, eu não pretendo usar agora [a formação em Educação Física que está em curso], pretendo continuar minha carreira no futebol o máximo que eu puder, se eu puder jogar até uma idade como a da Formiga, eu jogo, mas assim que eu terminar assim minha carreira de atleta eu quero sim estar no meio, no meio do esporte.”

[Letícia]: “Mas eu queria estar inserida no meio do esporte, poderia ser futebol masculino, poderia ser handball, poderia ser basquete, natação, assim, no meio do esporte porque eu gosto assim, no meio do esporte, mas não pretendo trabalhar com escola, né?”

Apesar dos reforçadores intrínsecos serem de extrema importância para a manutenção de uma prática, eles não são suficientes para mantê-la, de forma que há a necessidade de envolver outras consequências reforçadoras sociais e financeiras. Isso porque estamos inseridos numa comunidade em que a maioria dos reforçadores primários são pareados com os reforçadores sociais generalizados, tais como prestígio, atenção, afeto, aprovação e que os reforçadores econômicos são imprescindíveis para a obtenção de uma qualidade de vida aceitável, para adquirir bens e experiências importantes e, principalmente, reforçadores primários, como alimentação.

A fala de uma das atletas indica que essa prática também pode estar sob controle de reforçamento negativo. Giovanna relata que não saberia fazer

outra coisa, ou seja, não poderia ter outra forma de trabalho, de obtenção de renda, como vemos no relato a seguir:

[Giovanna]: “Eu jogo futebol desde os quatro anos de idade, eu sempre digo que é a única coisa que eu sei fazer da vida. Se não der certo, eu não sei fazer mais nada (risos) da vida”.

Isso se caracteriza como reforçamento negativo na medida em que, praticar esse esporte é a única resposta que impede a atleta de vivenciar situações aversivas como a ausência de reforçadores econômicos, que resultam em fome e más condições de vida. Ainda, outras consequências aversivas podem ser produzidas, pela comunidade em que está inserida, devido à falta de um trabalho. A atleta apresenta outra fala importante sobre as consequências da prática do esporte:

[Giovanna]: “É muito mais por amor né, a gente fala que as meninas elas jogam porque elas amam tá aqui. Até porque tem meninas que, não é o meu caso, mas tem meninas que vai estudar de manhã, vem direto pro treino, treina, precisa ir trabalhar”.

Giovanna fala sobre muitas colegas de profissão, apesar das dificuldades, continuarem jogando por causa do “amor”. Aqui, pode-se usar dessa fala para sintetizar o tópico das consequências reforçadoras que mantém as mulheres jogando futebol. Isso porque, o “amor”, na perspectiva da Análise do Comportamento, representa uma série de sentimentos causados pela síntese dos diversos reforçadores positivos produzidos por determinada prática ou pessoa, como Skinner (1948/1972) revela nesse trecho: “O que é amor? — disse ele com um encolher de ombros. — A não ser um outro nome para o uso do reforçamento positivo?”

Também é possível identificar nas entrevistas a presença de condições antecedentes de vida e trabalho importantes para a prática do futebol acontecer. Alguns possíveis reforçadores são projetados constituindo outro antecedente importante, que é a existência de planos para o futuro, o que podemos chamar de regras. Pode-se observar nas falas a presença dessas condições.

3.2 Categorias de antecedentes

3.2.1 *Condições financeiras*

No que diz respeito às condições financeiras, o que aparece no discurso de todas as atletas são as condições familiares que propiciaram a prática do futebol, o custeio de transporte quando os locais de treinamento não ofereciam auxílio e também como a família pôde garantir que elas não precisassem trabalhar integralmente enquanto não recebiam salário ou auxílio, fornecendo a moradia, alimentação, dinheiro para lazer ou qualquer outra atividade necessária.

[Giovanna]: É, desde quando eu comecei minha família sempre me deu estrutura e me bancou, eu comecei a ter um salário, em 2019, 2018 para 2019 eu tive um salário. É, então, até os meus 20 anos, no máximo, minha família sempre me sustentou, me bancou, né? Porque no feminino é muito difícil você ter um reconhecimento financeiro.

[Stella]: “Então o que eu recebia aquele momento ali pagava o transporte ali, mas isso porque sempre minha família me ajudou muito, meu pai e minha mãe sempre tiravam do bolso pra me levar em treino e eles sempre me acompanhavam muito desde o início, sempre me levaram pra treino pra jogos, quando eu era mais nova e ‘tava nessa equipe de São Caetano. O treino era sempre de manhã e eu estudava à tarde, entrava na escola à tarde, então meu pai me levava pro treino, voltava pra casa, eu ficava treinando depois ele ia me buscar na escola, no treino e eu levava marmita, então eu almoçava no carro e ia pra entrar na escola à tarde então eu acho que esse período foi muito mais complicado. Então sei lá o carro dele quebrou, aconteceu um imprevisto, de pegar carro de tia, de amigos pra me levar nos treinos mas eu nunca deixei de treinar ou jogar por conta disso. Acho que dificuldade sempre teve, né? ou falta de dinheiro ou o carro quebrar, algum imprevisto assim, mas a gente sempre dava um jeito. Pegava emprestado com a vó dinheiro, deixava de fazer alguma outra coisa eles, né?, mas isso nunca, nunca parei assim, nunca desisti por conta disso.”

[Larissa]: Então, minha mãe sempre me cobrou da parte de "ah você já tem 19 anos, você tem que conseguir suas coisas e tal." Só que assim eu quero muito conseguir minhas coisas através do futebol, aí por enquanto eu consigo, eu tento conciliar os dois, aí tipo eu não recebo absurdo, eu não recebo tão bem porque eu trabalho bem menos, né?, na oficina dos meus pais e no Clube 1 é só uma ajuda de custo. Aí minha mãe sempre cobrou essa parte e tal, meu pai ele ainda é mais tranquilo quanto a isso porque ele gosta que eu joga e tal. Aí é... mas eu consigo, porque assim eu não sou uma pessoa que gasta muito então eu consigo me bancar ainda.

[Caroline]: "quando eu entrei lá, eu entrei agora em fevereiro, no começo de fevereiro, durante as três semanas de fevereiro eu tive que tirar dinheiro do meu bolso, ou seja, da minha família, porque eu não trabalho então eu não tinha nenhuma renda extra pra eu poder tirar de mim mesma, então meus pais disponibilizavam o dinheiro da minha passagem, pra eu ir treinando então eu acho que em relação a isso o clube veio me dar uma ... uma.... relação financeira há pouco tempo, então, o que o clube dá pras atletas hoje em dia e para as que recebem é ra...é somente pro transporte mesmo, se eu falar "ah sobra pra eu dar uma saída, não, não sobra, então é pra eu ir treinar mesmo"

[Letícia]: "eu sempre tive apoio da minha família, dos meus pais, tios, avós. Então, as condições financeiras eram difíceis, porque eu tinha que ir pra São Paulo, de Mogi para São Paulo dá 2h, 2h30 de ônibus, trem e ainda dava uma caminhada, né? A pé, então, é... pagar passagem todo dia, eram 3 vezes por semana no mínimo e aí era difícil, às vezes meus pais não tinham e aí eu pedia pra minha vó, às vezes minha vó nem meu pai tinha, pedi pra uma tia e aí eu ia fazendo assim. Aí, até na escola algumas amigas minhas me ajudavam, porque eu falava que só tinha dinheiro da passagem, não tinha pra comer e aí elas me davam o dinheiro, faziam uma vaquinha me dando alguma coisa pra eu comer pra, né?, conseguir ir e voltar do treino bem"

[Letícia]: "eu já tinha feito 18, é, eu não 'tava jogando, se você não joga você não recebe, então, assim, eu tive que procurar o que fazer, é... ter mais responsabilidade porque já não dava mais pros meus pais dar conta, eu tive que estudar e consequentemente trabalhar."

É importante destacar que as mulheres entrevistadas eram todas jovens - a mais a velha tem 23 anos e isso se deu, provavelmente, porque as atletas foram encontradas via *instagram* e implica no resultado, já que todas as atletas são solteiras, não têm filhos e ainda moram com os pais. Porém, a apresentação desses trechos provoca a reflexão sobre quem são as jovens mulheres que podem apostar na carreira de jogadoras de futebol: é necessário que a família possa garantir condições mínimas de vida para essas mulheres por um período maior do que a infância e a adolescência. Todas as mulheres entrevistadas ainda vivem com os pais e somente uma recebe um valor suficiente para ajudar com as contas de casa. Além disso, as famílias também precisam de condições financeiras para “investir” em suas carreiras, visto que, por alguns períodos, é necessário pagar o transporte e a alimentação para que possam frequentar os treinos.

Além das condições familiares, aparece nos relatos das entrevistadas que as condições da prática do futebol em si também são importantes. Tais contextos foram sintetizados na categoria das condições de trabalho.

3.2.2 *Condições de trabalho*

A presença de um clube minimamente estruturado, ao propiciar uma condição de trabalho adequada, é essencial para que essas mulheres permaneçam praticando o esporte, visto que condições inadequadas podem produzir consequências aversivas ou deixar de produzir os reforçadores importantes. Isso pode ser destacado porque as atletas relatam em suas histórias a importância do ingresso em um clube mais estruturado que o anterior, na seleção brasileira e também de jogar em campeonatos maiores.

[Giovanna]: “Até que em um momento, o campeonato proibiu a mulher de competir junto com o menino. Aí meu técnico avisou a gente e falou “Pô, se você quiser, pode continuar só treinando. Mas não dá mais pra jogar, o pessoal não aceita.” Foi um baque muito grande pra nós, bem na época que eu perdi meu pai, que era uma pessoa que me acompanhava pra lá e pra cá, né?, porque ele também era jogador. É, depois disso esse mesmo técnico me falou que conhecia um clube que chamava Clube 4, que era só pra meninas. Então eu fui, me inscrevi, fiz a peneira, passei. Entrei em 2015 lá e fiquei até 2016,

que no Clube 4, categoria de base e então em 2016 eu recebi a proposta do Clube 1, para uma equipe já profissional, pra disputar um Paulista, um Brasileiro”

[Stella]: “Com 11 ainda eu já tava na escolinha, era uma coisa ainda mais brincadeira, mas a partir dos 13 eu já recebi convite de um time de São Caetano, que é uma cidade vizinha aqui, pra fazer parte da equipe principal já, então, se com 11 era brincadeira, com 13 eu já treinava com as meninas mais velhas e que naquela época já tinha menina no meu time que era da seleção, já tinha disputado campeonato Paulista, Brasileiro, então, ali que eu vi que era realmente uma coisa séria e era aquilo que eu queria pra minha vida, assim”

[Stella]: “Ai o time de São Caetano infelizmente acabou, então eu voltei pra escolinha de São Bernardo só que ai eu já tinha 15 anos então eu já podia disputar o campeonato paulista na época, com 14, 15 assim, aí foi o ano que eu disputei o campeonato paulista pelo São Bernardo, fiquei um ano lá direto e depois eu recebi um convite também pra fazer parte da escolinha de futebol feminino do Clube 4, que até hoje é uma das referências assim, que é muito boa. (...)mas foi uma coisa que acrescentou muito na minha carreira ter essa formação de base”

[Stella]: “ver a mudança que teve de lá pra cá que é muitas coisas eram diferentes, estruturas de clube, de campeonato, então hoje em dia tem um Campeonato Brasileiro muito mais forte, mas equilibrado, com meninas que são da seleção, mas que estavam em outros países vindo pra cá, isso fortalece muito mais o campeonato brasileiro deixa tudo muito mais competitivo”

[Larissa]: Ah, eu acho que tinha uns 15 anos, 14... Aí eu comecei, eu ficava nessa de jogar com os meninos e com as meninas. Depois fiquei jogando só o feminino. Aí quando eu fiz 16 anos eu fui pro... não, no final de 2016, eu já tinha 16 anos, mas bem no final mesmo, eu fiquei umas duas semanas no Clube 1, fui fazer o teste lá, passei e fiquei jogando lá o sub 17, depois em 2017. Aí depois eu subi pro profissional e to jogando lá, tipo, eu sempre gostei de futebol né?, aí eu pensei "ah, vou tentar né? ser, começar né?, pra ser profissional" Aí eu pensei no Clube 1 né?, porque eu tinha um amigo que já jogava lá, aí ele conversou com o professor pra eu fazer teste lá

aí eu fui pra lá, tal, ele gostou, ai eu fiquei. Aí agora eu to jogando no profissional lá.

[Caroline]: Quando eu tinha seis anos eu entrei na minha primeira escolinha de futebol, só tinha meninos, eu era a única menina, jogava futsal. Quando ... quando eu fiz 12 anos eu fiz minha primeira peneira que foi no Clube 4, aqui em São Paulo, que foi na qual eu consegui me federar em algum clube para jogar com meninas da minha idade e jogar uma modalidade mais seria mesmo, por uma federação, né?

[Caroline]: “atualmente eu jogo no Clube 1, ele tá na série A2 do Brasileiro, vai jogar campeonato paulista esse ano, já joguei na Clube 6 em 2016, 2017 joguei a Copa do Brasil, já joguei Campeonato Brasileiro sub 20 pelo Clube 4, no qual a gente foi campeão lá em Manaus, na Arena da Amazônia. Eu acho que tudo que a gente faz é um crescimento individual, é claro que um time forte ajuda, só que a gente cresce mesmo individualmente”

[Letícia]: “Comecei disputando alguns campeonatos, só que os campeonatos da cidade não permitiam que eu jogava com o masculino, até uma certa idade, quando eu completei 14 anos. E no ano seguinte eu ia ser sub 16 então eles não permitiram que eu jogasse mais por causa dos meninos ser maiores, 16 anos já estavam bem evoluídos, eles achavam que poderia me machucar ou acontecer algo e eles não querem se responsabilizar. E aí meu pai montou um time feminino pra eu jogar o campeonato da cidade que é a Liga de Mogi e nisso que ele montou as meninas eram todas mais velhas, eram companheiras de equipe da minha tia que minha tia, minha tia também jogava no time da cidade então ele chamou umas e mesmo assim no futebol feminino eu era muito nova, né, eles também não, eles também não queriam deixar eu jogar pelo fato de eu ser muito nova, né, no feminino tinha que ter no mínimo 16 e eu tinha 14 e aí meu pai até brigou, falou com as outras equipes e assumiu essa responsabilidade que se acontecesse algo comigo, de me machucar ou algo do tipo, ele seria responsável. Então, ele tomou essa responsabilidade e aí eu acabei jogando o campeonato da cidade pelo futebol”

[Letícia]: “Na escola assim, jogava e tal, mas realmente campeonato mais sério foi esse daí e conseqüentemente os campeonatos da escola,

escolares que a gente viajava bastante e depois eu fui pra São Paulo, fazer uma peneira no Clube 1, na época que a Emily estava lá, a Emily Lima da seleção e logo depois ela foi convocada pra ser da seleção, então, o Clube 1 parou com o futebol feminino e aí eu também não segui e aí no ano seguinte eu fui pro Clube 4, centro de formação de atletas perto do Ibirapuera e ai lá fiz a peneira, passei na peneira e fui treinando, treinava na categoria sub 15, em 2014. E... logo, assim rapidamente, uns 6 meses lá eu acho ai eu fui convocada pra seleção”

[Letícia]: “fiz tratamento longo e retornei ao Clube 4, eu era a mais velha, com 18 anos e jogando campeonato profissional, depois eu fui pra Clube 7, do meio do ano pra lá, jogar o Brasileiro, né?, eu nunca tinha jogado um Brasileiro, e ai eu joguei o Brasileiro em 2018, 2018 se não me engano, joguei um pouquinho do Brasileiro lá na Clube 7 em Campinas e depois de um ano, em 2019, eu fui chamada pro Clube 3 né?, no caso o técnico ele foi meu técnico no Clube 4 então ele sabia do meu potencial e quando ele foi chamado pra ser professor, técnico do Clube 3 ele me convidou e queria que eu fizesse parte do elenco”

[Letícia]: “Assim, pro futuro eu pretendo retornar pra seleção, é... era onde eu ‘tava melhor né?, na minha, minha fase acho que [inaudível] e eu ‘tava na seleção né? e eu não disputei uma competição oficial pela seleção, eu disputei um torneio internacional, mas eu nunca disputei uma competição oficial como olimpíadas, mundial, sul americano e... esse é o meu, o meu grande objetivo é retornar à seleção e jogar uma competição oficial e retornar àquele ambiente, né?, e é foi onde eu mais queria estar e por conta das minhas lesões eu não estava”

Os relatos apresentados indicam uma série de condições de trabalho importantes, sintetizadas na tabela a seguir:

Tabela 5 - Número de atletas que citaram condições de trabalho como antecedentes importantes

Condições de trabalho	Nº de entrevistadas
Jogou em clubes melhores	5
Formação de base	1
Fortalecimento do futebol feminino	1
Disputar campeonatos importantes	3

Nos relatos referentes às condições de trabalho, observamos a importância dos clubes terem estruturas adequadas para a prática do esporte, o que se caracteriza como uma condição antecedente à resposta e que possibilita que ela continue ocorrendo. Essa categoria permite a identificação da baixa qualidade dessas condições enfrentadas pelas atletas no caminho percorrido até chegar aos clubes atuais, visto que elas destacam a importância de passar a jogar em clubes cada vez mais estruturados.

Outro fator destacado como importante para essa categoria é o regulamento da CONMEBOL. Ao obrigar os clubes de futebol masculino que disputam o Campeonato Brasileiro a terem equipes de futebol feminino profissionais, foi possibilitado um avanço na quantidade de clubes que dispõem desse esporte, assim como na qualidade das condições ofertadas por eles. Isso implica num fortalecimento da modalidade, assim como de seus campeonatos, fatores descritos pelas atletas como fatores importantes para a melhora nas condições de trabalho. Ainda assim, segundo os relatos, esses avanços ainda são menores do que o esperado e, ao pensarmos na perspectiva da equidade de gênero, apresenta-se com um grande distanciamento da realidade de trabalho dos homens jogadores de futebol, até mesmo nos clubes que possuem as duas modalidades.

Destaca-se que essas mulheres mencionam melhores condições de trabalho não apenas como condições de sua prática atual, mas também como expectativas para seus futuros. Os relatos que expressam expectativas, quer relativas a condições de trabalho, quer de outra natureza, foram reunidos na categoria Planos para o Futuro.

3.2.3 Planos para o futuro – Regras

Os planos para o futuro enquanto descrição de contingências que produzem consequências reforçadoras para as atletas reiteram em maior escala parte dos reforçadores mencionados nos trechos referentes às consequências reforçadoras que já mantém as respostas de jogar futebol profissionalmente. Pode-se identificar nas falas a busca por clubes e campeonatos maiores, por reconhecimento social e econômico na modalidade, assim como pelo aprimoramento das habilidades da própria prática.

[Giovanna]: “Mas hoje eu quero ser a melhor da modalidade, quero poder ganhar o prêmio de melhor do mundo e, sabe, ser reconhecida nesse meio. Então, é o meu maior objetivo. Eu tenho muitas metas, eu tenho que passar por muitas coisas, mas eu quero, assim, por exemplo, agora a gente tá no Paulista e no Brasileirão A2, pro ano que vem eu tenho que estar no Brasileiro a1 e tenho que ser finalista no Paulista. No outro ano, tenho que estar num dos melhores times, tenho que estar recebendo mais, então assim, eu sempre, cada ano que passa eu planejo uma coisa melhor pra mim, assim, é uma meta.”

[Stella]: “Meu maior sonho acho que é buscar seleção brasileira né, eu ainda querendo ou não sou muito nova, apenas 23 anos, é então eu acho que dá pra buscar uma seleção, acho que o sonho de qualquer atleta de alto rendimento é você representar o seu país, o seu caminho até lá não é fácil, mas não tem como ser fácil também né?, a gente tem que passar por algumas dificuldades que vai nos fortalecer lá na frente. O que eu tenho como objetivo esse ano é conseguir manter uma regularidade boa no Clube 2 né?, pra chegar no fim do ano ou não, se renovar contrato ou não, tenho certeza que eu tenho outros clubes, outras propostas boas, então eu acho que eu penso muito no presente, assim, de fazer o meu melhor agora, porque fazendo o melhor agora lá na frente eu vou sempre ter alguma coisa, né? Mas futuramente, talvez um pouco mais velha pretendo ir pra fora do país, conhecer novas culturas, novas línguas, né? E ter esse contato com outro país eu acho que é bem interessante pra minha carreira tanto pela minha carreira tanto pelo pessoal assim, vai ser um desafio gostoso.”

[Larissa]: “Bom, eu quero crescer no futebol né?, me formar, se deus quiser. E começar a, tipo, ganhar de verdade pelo futebol, ser reconhecida mesmo, é uma coisa que eu quero muito, tipo, por mais que a gente ‘tá num país que não valoriza tanto ainda, ‘tá melhorando aos poucos, mas ainda precisa muito pra melhorar bastante né?, eu acho que eu penso nisso, crescer nessa parte e é isso.”

[Caroline]: “eu espero que o Clube 1 esse ano cresça, porque é um time que, é um time novo, é um time que tem muita garra, é um time que trabalha bastante”

[Caroline]: “ainda existe preconceito, ainda em muitos lugares tem gente que vê o futebol feminino como uma categoria que tanto fez tanto faz, não faz diferença, a gente vem buscando respeito, a gente vem buscando por igualdade e eu acho que no futebol feminino no Brasil isso tem, isso tem crescido muito, então tipo quando as nossas meninas do Brasil se unem eu acho que muita coisa ainda pode acontecer e eu torço pra que o crescimento [do futebol feminino] ainda tenha mais, mais, mais, mais e mais.”

[Letícia]: “Acho que tem assim, acho que tem uma questão de objetivo para carreira no futuro também aí pro clube, né?, uma grande vontade que eu tenho de a gente chegar nas finais de novo, paulista, brasileiro e agora conquistar esse brasileiro da série a1 né?, seria um outro grande marco pro clube do Clube 3. A gente ganhou o Brasileiro da A2, já marcou a história aí do Clube 3 e eu gostaria de novamente marcar outro grande título.”

Uma síntese dos planos para o futuro relatados pelas atletas é apresentada na Tabela 6:

Tabela 6 - Número de atletas que citaram cada tipo de plano para o futuro como antecedente importante

Tipos de plano para o futuro	Nº de entrevistadas
Reconhecimento	3
Disputar campeonatos importantes	2
Seleção Brasileira	2
Ganhar prêmio de melhor do mundo	1
Jogar no exterior	1
Crescimento individual	1
Receber salário	1
Crescimento do clube	1
Crescimento da modalidade	1

Os planos para o futuro são descrições dos reforçadores que serão produzidos pela prática do futebol, podendo ser caracterizados como descrições de contingências ou, pelo menos, de parte delas. Podemos chamá-los, portanto, de regras, como descritas por Guilhardi (2001). Salienta-se que o controle exercido pelas regras existe, enquanto estímulo discriminativo que auxilia as atletas a identificar as consequências que estão sendo ou que serão produzidas pela sua prática no futebol. Porém, deve-se destacar que ele não é suficiente para manter um comportamento, porque, neste caso, as consequências descritas devem ocorrer de fato para produzir um aumento ou manter a frequência de uma resposta.

Os reforçadores e as condições, assim como os planos para o futuro relatados pelas participantes apontam na direção de um fortalecimento da modalidade, da busca por melhores condições da prática do esporte, além do crescimento individual. Porém, as atletas parecem indicar que esses avanços só são possíveis através de outros reforçadores também destacados por elas, como, principalmente, a visibilidade e o reconhecimento social. Por isso, é possível inferir que o papel da mídia nas transmissões de partidas assim como no acompanhamento dos bastidores, dos campeonatos e dos clubes constitui parte essencial para o estabelecimento dessa modalidade.

O papel da Análise do Comportamento como ciência ao buscar identificar condições relacionadas à ocorrência de comportamentos é o que coloca a possibilidade de modificar o ambiente de maneira a promover tais comportamentos. Assim, o desenvolvimento da prática do futebol pelas mulheres, assim como da modalidade no país, podem se beneficiar dos conhecimentos derivados de uma análise sob esta perspectiva. Destaca-se, adicionalmente, a importância de analisar o comportamento do próprio analista para compreender como se deu a análise das entrevistas e como foram identificadas as variáveis relevantes para a manutenção da prática esportiva.

3.3 Análise Comportamental do Discurso

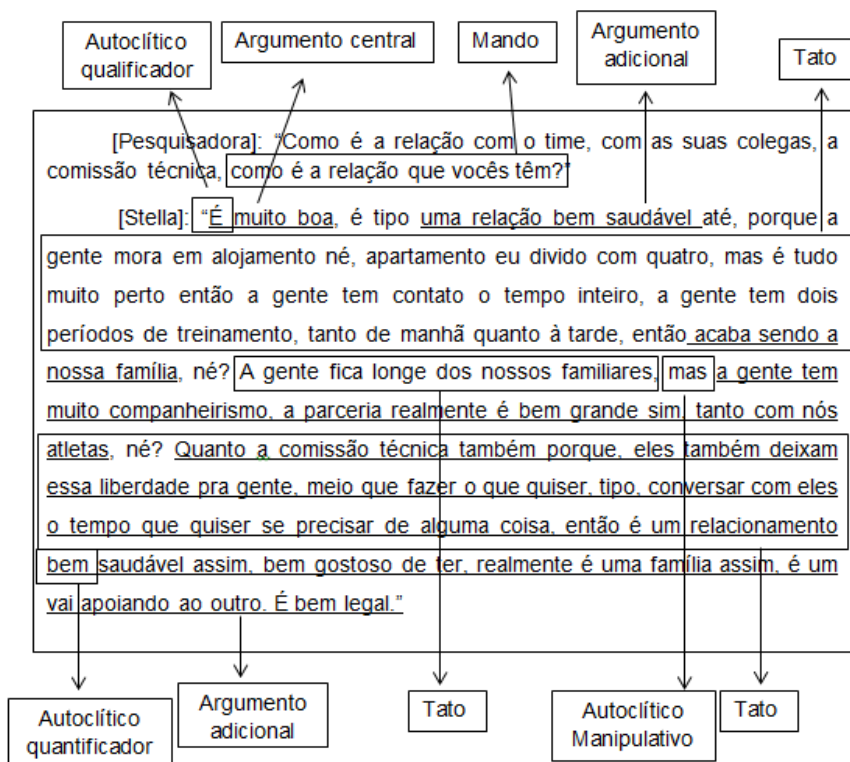
A formulação de categorias referentes às possíveis condições que mantêm as mulheres jogando futebol só foi possível através da transcrição do relato das atletas. Devido a isso, o discurso das atletas foi uma importante variável a ser analisada através das funções do comportamento verbal. O comportamento da pesquisadora é controlado pelas respostas verbais de cada entrevistada, como apresentado por Borloti (2008). Isso significa que a identificação de uma ou outra variável como reforçadora ou condição antecedente e a formulação das categorias apresentadas acima foram produzidas devido à interação entre o comportamento verbal da pesquisadora com o das atletas.

Na situação de entrevista, alguns dos estímulos antecedentes a todas as respostas foram as perguntas realizadas pela pesquisadora, ou seja, a pesquisadora emitiu falas com função de mando cujos reforços especificados eram as respostas das atletas sobre os assuntos específicos. Esperou-se, ainda, que a história de vida relacionada ao futebol também estivesse exercendo controle sobre as respostas da entrevistada. Foi selecionado um trecho de entrevista referente a cada categoria analisada anteriormente para realizar a análise do discurso.

3.3.1 Análise do Discurso sobre reforçadores sociais

Ao entrar em contato com tal episódio verbal, algumas partes dele são destacadas pela entrevistadora. A atleta emite a resposta diante do estímulo

discriminativo verbal emitido pela pesquisadora. O fim da pergunta “como é a relação que vocês têm?” tem uma clara relação de mando, ao indicar que a consequência esperada é a resposta da entrevistada sobre a relação com o time, as colegas e a comissão técnica.



No início de sua resposta, Stella coloca seu argumento central: a frase “É muito boa”. Nela, pode-se inferir o uso do autoclítico qualificador de asserção “é”, o que, de acordo com Borloti (2004), tem a função de destacar o restante da frase.

Em seguida a atleta acrescenta argumentos adicionais complementares sobre a relação com as colegas: “a relação é bem saudável” e “a gente tem muito companheirismo, a parceria realmente é bem grande sim, tanto com nós atletas(...)”. Nestes trechos, assim como no argumento central, as palavras “bem” e “muito” parecem ter a função de modificar a intensidade da fala seguinte, a parceria, portanto, não é simplesmente grande, mas “bem grande”, assim como elas têm “muito companheirismo”. Essa função recebe o nome de autoclítico quantificador, segundo Borloti (2004).

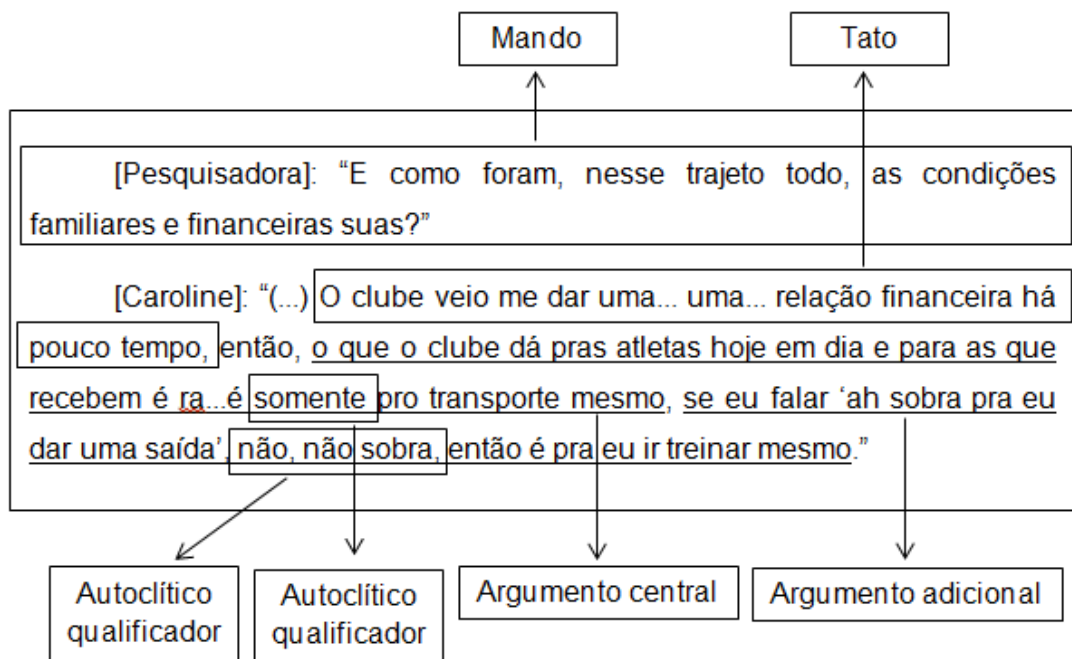
Stella, então, descreve como se dá a convivência com as atletas e emite a frase “A gente fica longe dos nossos familiares”, que parece ter uma função de tato porque ela descreve parte do ambiente em que está inserida, porém, é importante destacar também que ela se relaciona com o restante da resposta na medida em que aparenta descrever uma operação motivadora que aumenta o valor reforçador do companheirismo das colegas. Isso pode ser embasado também porque a entrevistada fala, logo antes de relatar essa operação, sobre as colegas: “então acaba sendo nossa família.”

Também é possível destacar que a atleta utiliza do autoclítico manipulativo “mas”, que tem a função de levar o ouvinte a reagir de um modo adequado. Nesse caso, a ordem é também importante, pois pode indicar que o ouvinte deve dar menor importância ao que foi dito anteriormente (a ausência da família) que é, provavelmente, considerado negativo pelo falante, para destacar e trazer relevância para o que foi dito a seguir: as relações com as colegas e comissão são boas e se assemelham a uma relação familiar.

Os autoclíticos quantificadores descritos também parecem estar na frase seguinte, em que Stella relata que “a gente [atletas] tem *muito* companheirismo, a parceria realmente é *bem* grande sim, tanto com nós atletas” e completa “Quanto a comissão técnica também”. Este último trecho apresentado inicia outro argumento adicional, em que Stella apresenta aspectos da relação entre as atletas e os profissionais da comissão técnica e completa também indicando que a relação é boa e saudável, usando autoclíticos quantificadores como *bem* e *muito*.

Essa análise explica como o relato dessa atleta contribuiu para que a pesquisadora descrevesse uma das relações envolvidas na categoria do reforçamento social. Isso a descrição dessa categoria ficou sob controle, nesse caso, de três aspectos principais: a) os argumentos centrais e adicionais; b) a aparente operação motivadora descrita e c) os autoclíticos quantificadores.

3.3.2 Análise do Discurso sobre Reforçadores Econômicos



O episódio verbal analisado pela pesquisadora é iniciado pela pergunta, que pode ser identificada como um mando: "E como foram, nesse trajeto todo, as condições familiares e financeiras suas?" Caroline emite outras respostas sobre aspectos financeiros de sua história, antes de chegar ao trecho destacado. A análise do trecho permite inferir alguns operantes verbais e argumentos central e adicional.

O argumento central referente a esta temática parece ser a frase "o que o clube dá pras atletas hoje em dia e para as que recebem é ra... é somente pro transporte mesmo," destaca-se a palavra "somente" que aparenta ser um autoclítico qualificador, isso porque parece modificar a intensidade do operante em questão (BORLOTI, 2004). A palavra "somente" tem um efeito no comportamento do ouvinte relacionado com a impressão de que não é suficiente, ou seja, que essa relação financeira dá apenas para o transporte, o que não sacia as privações que deveria saciar.

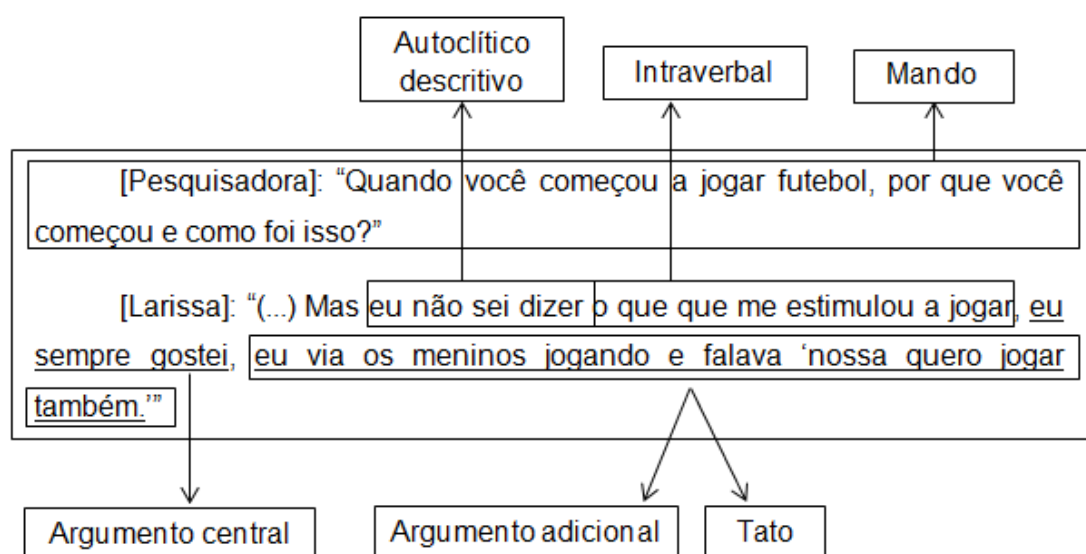
Antes de emitir o argumento central, a atleta fala que "O clube veio me dar uma... uma... relação financeira há pouco tempo", o que parece ter uma função de tato, por descrever uma característica dessa relação. Essa descrição parece ter a função de identificar que a relação financeira acontece há pouco tempo, ou seja, que antes disso nem esse dinheiro para o transporte era oferecido, o que acarretava no uso de recurso próprio para ir ao treino.

A frase final “se eu falar ‘ah sobra pra eu dar uma saída’, não, não sobra, então é pra eu ir treinar mesmo” é um argumento adicional que complementa o argumento central, na medida em que caracteriza que a consequência oferecida não é suficiente para qualquer outra coisa a não ser para o transporte. A atleta parece fazer uso de um autoclítico qualificador de negação, o que, segundo Borloti (2004), pode ser explicado na medida em que, apesar da resposta verbal ‘sobra para eu dar uma saída’ ser evocada intraverbalmente pela temática financeira, ela negada.

Portanto, essa análise pode servir para descrever quais efeitos essa resposta teve no comportamento da pesquisadora para que formulasse uma categoria sobre reforçadores econômicos e, ainda, que fizesse a discussão sobre os auxílios financeiros, especificamente, estabelecerem uma relação de reforçamento negativo.

3.3.3 Análise do Discurso sobre Reforçadores Intrínsecos

Neste episódio verbal, a pesquisadora inicia com uma pergunta que pode ser identificada como um mando, que especifica uma resposta referente aos motivos e condições do início da prática do futebol pelas atletas. A entrevistada conta parte de sua trajetória e, quando sob controle da parte da pergunta referente ao porquê de ela começar a jogar futebol, Larissa emite o trecho do discurso a ser analisado.



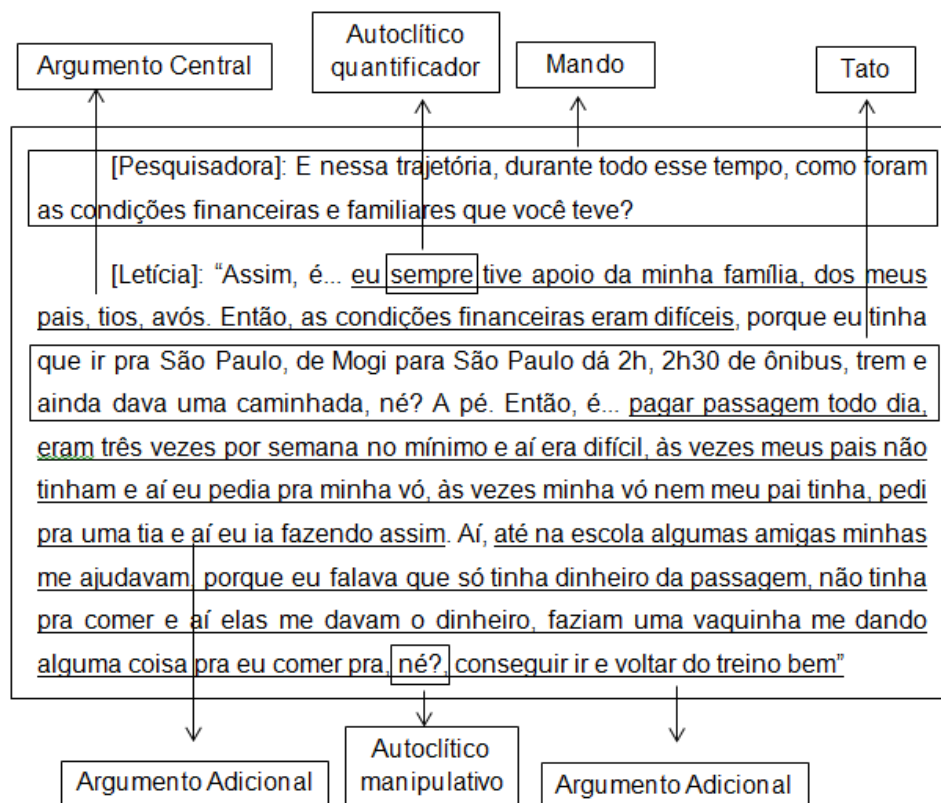
Pode-se inferir que o argumento central apresentado é “eu sempre gostei”, que aparece no meio da frase e é complementado pelo argumento adicional “eu via os meninos jogando e falava ‘nossa quero jogar também’”. Esse argumento adicional também aparenta ser um tato, pois a atleta relata a memória evocada pelos estímulos relacionados ao início da prática.

Porém, é importante destacar que no início desse trecho, Larissa diz “eu não sei dizer”, o que aparenta ser um autoclítico descritivo com a função de descrever o estado de pouca força sobre as variáveis envolvidas com os operantes verbais emitidos a seguir, o que pode indicar que “o que me estimulou a jogar” é um intraverbal sob controle da pergunta feita pela entrevistada e não sob controle da história individual.

Essa análise indica que a pessoa não identificou variáveis que controlaram o seu comportamento no passado, ao entrar em contato com o esporte, mas sabe descrever que as condições que evocaram as respostas de jogar futebol produziram reforçadores suficientes para mantê-la, consequências essas que podem não ser mediadas por outras pessoas e sim produzidas mecanicamente pela prática.

3.3.4 *Análise do discurso sobre as condições financeiras*

O episódio verbal abaixo é iniciado com a pergunta da pesquisadora “E nessa trajetória, durante todo esse tempo, como foram as condições financeiras e familiares que você teve?”. Tal pergunta pode ser compreendida como um mando, em que o reforço especificado é a resposta da entrevistada sobre o tema em questão.



O argumento central é apresentado no começo da resposta, através da fala “eu sempre tive apoio da minha família, dos meus pais, tios, avós. Então, as condições financeiras eram difíceis” que aparenta ter a função de tato, no qual a atleta faz o relato sob controle das lembranças de sua história de vida. Além disso, apresenta a palavra “sempre”, o que pode ter a função de um autoclítico quantificador, ou seja, que indica propriedade de quantidade em relação às circunstâncias que controlam a emissão do tato. (BORLOTI, 2004)

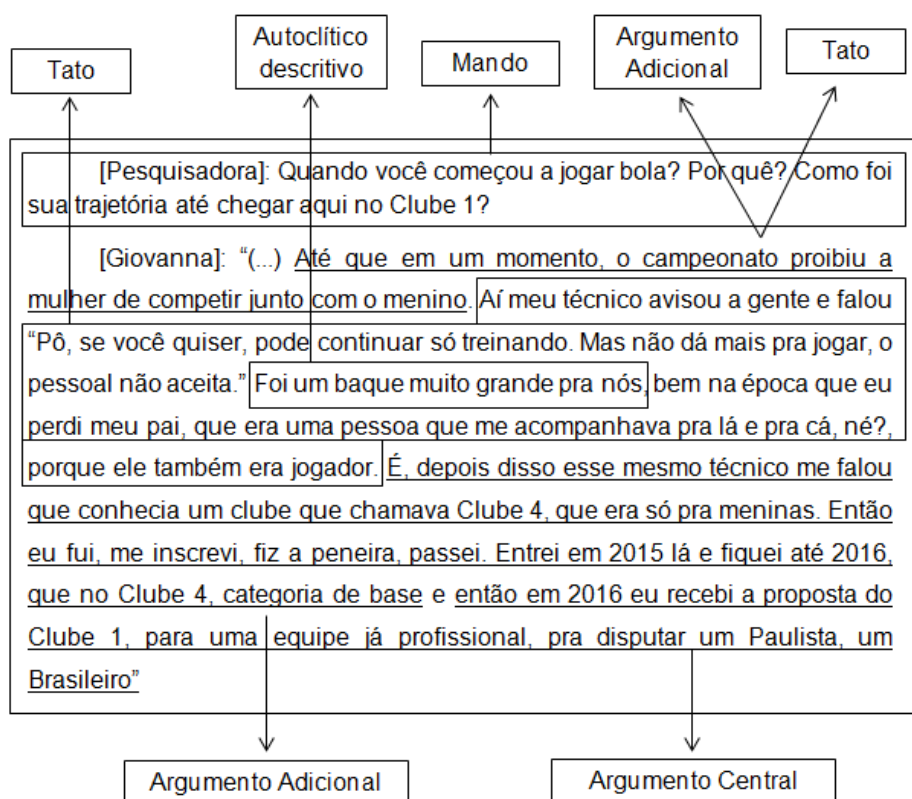
Após isso, a atleta diz a seguinte frase “eu tinha que ir pra São Paulo, de Mogi para São Paulo dá 2h, 2h30 de ônibus, trem e ainda dava uma caminhada, né? A pé.” Tal frase parece ser o operante verbal de tato e é seguida por dois argumentos adicionais “pagar passagem todo dia,...” e “até na escola algumas amigas minhas...”, argumentos que também parecem ter a função de tato, ao relatar as lembranças do apoio familiar e também das dificuldades financeiras envolvidas nesse apoio, evocadas.

O último argumento, assim como a frase sobre o transporte para São Paulo também apresentam a expressão “né?” no meio das frases, o que pode

ser visto como um autoclítico manipulativo. Isso porque esse tipo de autoclítico indica à pesquisadora como reagir à fala que está sendo emitida de um modo apropriado de acordo com a atleta, nesse caso, relaciona-se com as reações às dificuldades de transporte e alimentação vivenciadas por ela.

Tal análise parece indicar como o discurso da atleta influenciou o comportamento da pesquisadora de identificação de variáveis antecedentes importantes na prática do futebol, nesse caso, relacionadas com as condições financeiras da família.

3.3.5 Análise do discurso sobre condições de trabalho



Diante do mando emitido pela pesquisadora “Quando você começou a jogar bola? Por quê? Como foi sua trajetória até chegar aqui no Clube 1?”, a atleta falou sobre seu início no esporte e deu sequência com o trecho apresentado acima. O argumento central apresentado é o trecho “então em 2016...”, que aparenta ser um tato sob controle das lembranças de sua

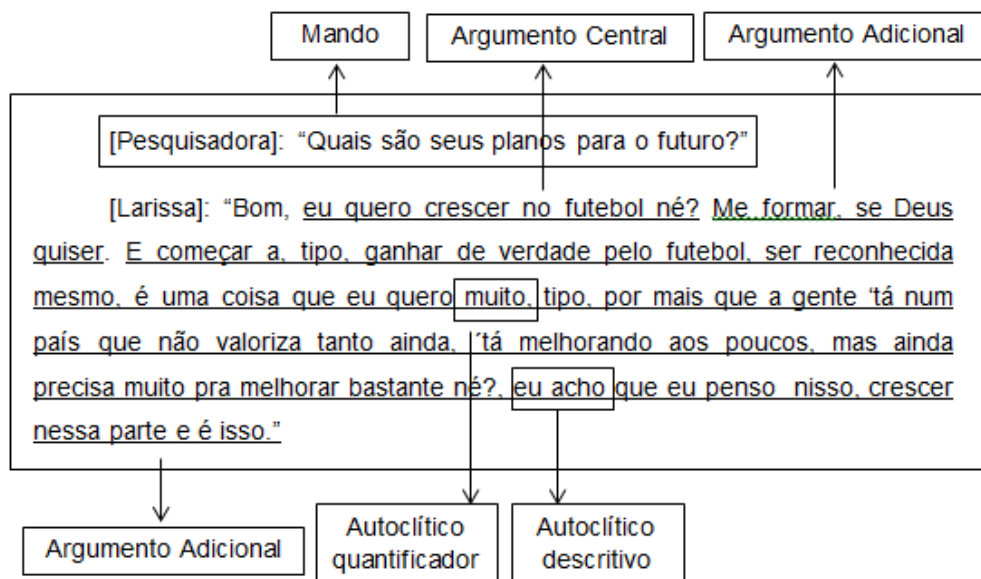
chegada ao clube atual e dos campeonatos disputados por ele. Além disso, a atleta apresenta dois argumentos adicionais. O primeiro refere-se a como ela precisou sair do local onde treinava e indica as condições em que isso aconteceu, no trecho “Até que em um momento, o campeonato proibiu a mulher de competir junto com o menino”, o qual aparenta ter a função de tato.

Tal argumento é seguido por outro trecho que aparenta ter essa mesma função de tato, ao descrever a situação na qual ela precisou parar de competir onde jogava. A atleta emite, neste trecho, a frase “foi um baque muito grande pra nós”, o que pode ser considerado um autoclítico descritivo por indicar a condição emocional da atleta diante da descrição referente à perda de seu pai e à proibição da prática. Parece ter a função de tato afetando o ouvinte em relação à amplitude do efeito que o acontecimento relatado teve sobre a atleta. O argumento adicional seguinte também parece ter a função de tato, ao descrever como chegou ao clube seguinte após a proibição, como podemos ver no trecho que se inicia com “É, depois disso...”.

Através da análise referente às condições de trabalho, é possível identificar no relato as condições vividas pela atleta ao longo de sua trajetória e como esse relato evocou na pesquisadora respostas que indicassem a importância da categorização dessas condições.

3.3.6 Análise do Discurso sobre os planos para o futuro

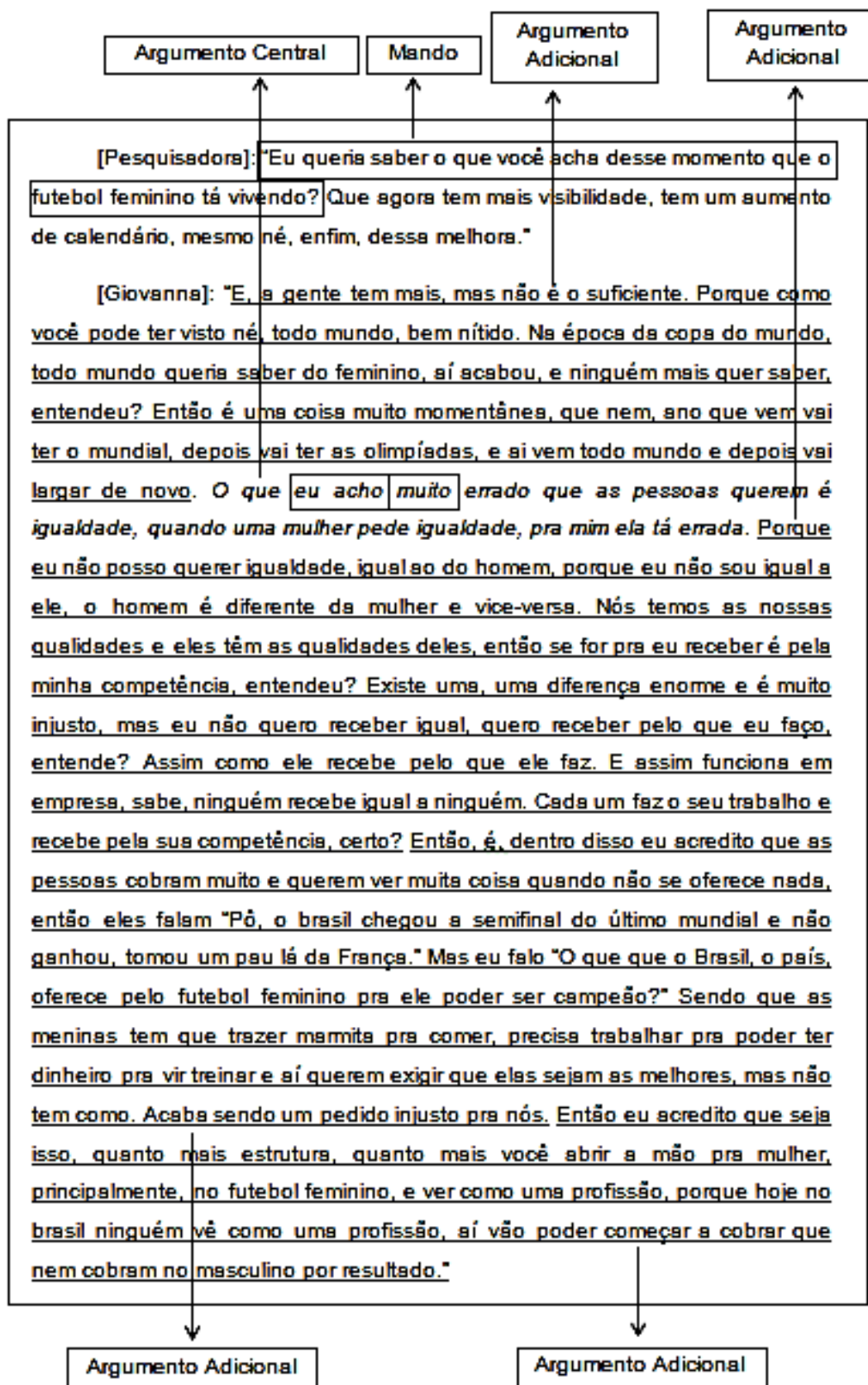
A pergunta feita pela entrevistadora provavelmente configura-se como um mando. A resposta de Larissa é iniciada pelo argumento central, “eu quero crescer no futebol”, nesse caso, o argumento especifica a emissão de uma resposta verbal de regra, que descreve contingências as quais a atleta espera vivenciar.



A atleta emite, ainda, dois argumentos adicionais. O primeiro argumento adicional não complementa o argumento central, apresentando uma outra linha de resposta referente à formação acadêmica e não à prática do futebol. O segundo, identificado pelo início "E começar a..." é complementar ao argumento central, isso porque parece descrever com mais detalhes a regra apresentada. Nele é possível ler, ainda, o uso das palavras "muito" e "tanto", que parecem ter a função de autoclítico quantificador. Além disso, as palavras "eu acho" parecem ter função de autoclítico descritivo, por descrever o estado fraco de força do operante verbal emitido em seguida. Tal estado de força sugere, então, que ela pode não tem certeza se é isso que pensa para o futuro, ou, ainda pode sugerir que ela não tem um pensamento elaborado sobre seu futuro no futebol feminino.

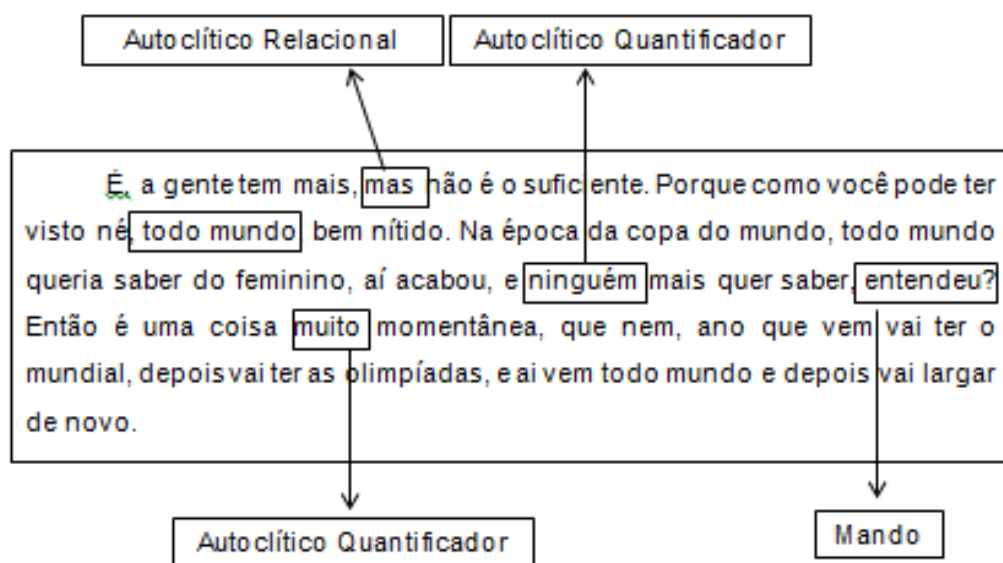
Essa análise pode estar relacionada com a não valorização do futebol feminino no país, visto que, além da atleta apresentar outra alternativa de futuro (acadêmica), há uma incerteza sobre o retorno financeiro que essa modalidade pode dar a uma mulher. Como discutido ao falarmos sobre os reforçadores econômicos, atualmente, ela tem reforçadores primários garantidos pela sua família, porém, essa situação não é permanente, o que pode fazer com que ela tenha que seguir outros planos para garanti-los a si própria.

3.3.7 Análise do Discurso sobre a luta por igualdade no futebol feminino



Diante da pergunta da pesquisadora, que pode ser identificada como um mando “Eu queria saber: o que você acha desse momento que o futebol feminino tá vivendo?”. Giovanna respondeu com o discurso que foi analisado devido às contradições apresentadas abaixo.

O início da sua resposta aponta que alguns dos avanços mencionados pela pesquisadora são momentâneos e que, na maior parte do tempo, fora desses períodos, as pessoas abandonam o futebol feminino. Alguns operantes podem, ainda, ser identificados nesse trecho:



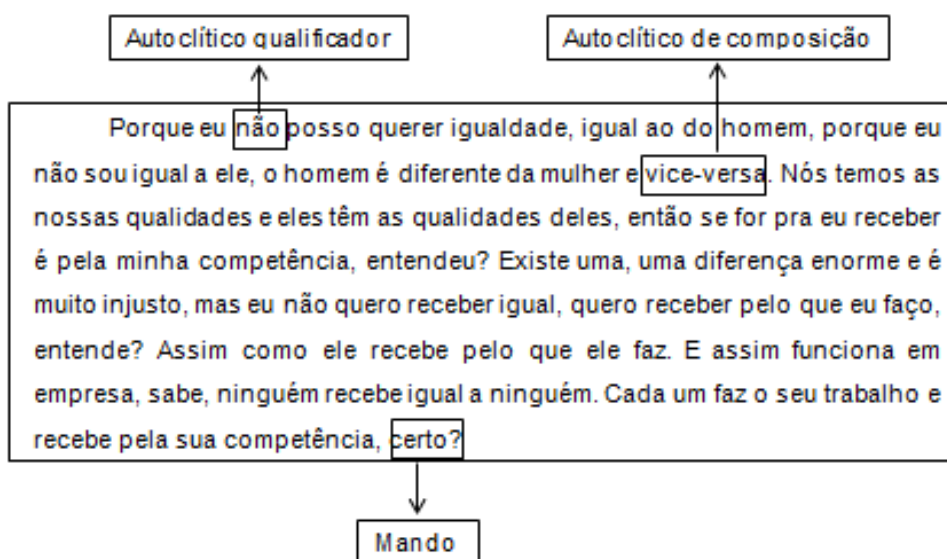
A primeira sentença liga, através de um autoclítico relacional, duas frases que parem ter função de fato. Esse início indica que os avanços existem e são contrastados com a insuficiência deles. Em seguida, a entrevistada descreve o porquê dos avanços terem sido insuficientes, através do que parece ser um operante verbal de fato e utiliza de autoclíticos quantificadores como “ninguém” para indicar a ausência de pessoas interessadas do esporte. Outro autoclítico que aparece é o “muito” e o “bem”, ambos são quantificadores e alteram em intensidade a descrição que os seguem. Vale ressaltar que a palavra “entendeu?” emitida parece ter a função de um mando cujo reforçador é a aprovação da ouvinte, no caso, a pesquisadora.

Porém, o argumento central de sua fala parece ser a frase que aparece em seguida: “O que eu acho muito errado que as pessoas querem é igualdade, quando uma mulher pede igualdade, pra mim ela tá errada” e pode-se destacar

o uso do “eu acho” que aparenta ter a função de autoclítico descritivo, por descrever o estado de força do operante e o uso da palavra “muito”, com a aparente função de autoclítico quantitativo.

Essa frase indica que diante dos estímulos apresentados pela pesquisadora referentes aos avanços do futebol feminino através das expressões “mais visibilidade”, “aumento do calendário” e “melhora” foi aumentada intraverbalmente a probabilidade da emissão de uma fala referente à igualdade, porém, pode-se inferir a hipótese de que esse tipo de discurso falado de forma afirmativa tenha sido conseqüenciado por algum tipo de punição na história de vida da atleta, o que justifica o uso de autoclíticos de negação para anular esse discurso.

Assim, esse argumento central é complementado pelo argumento adicional a ser analisado a seguir:

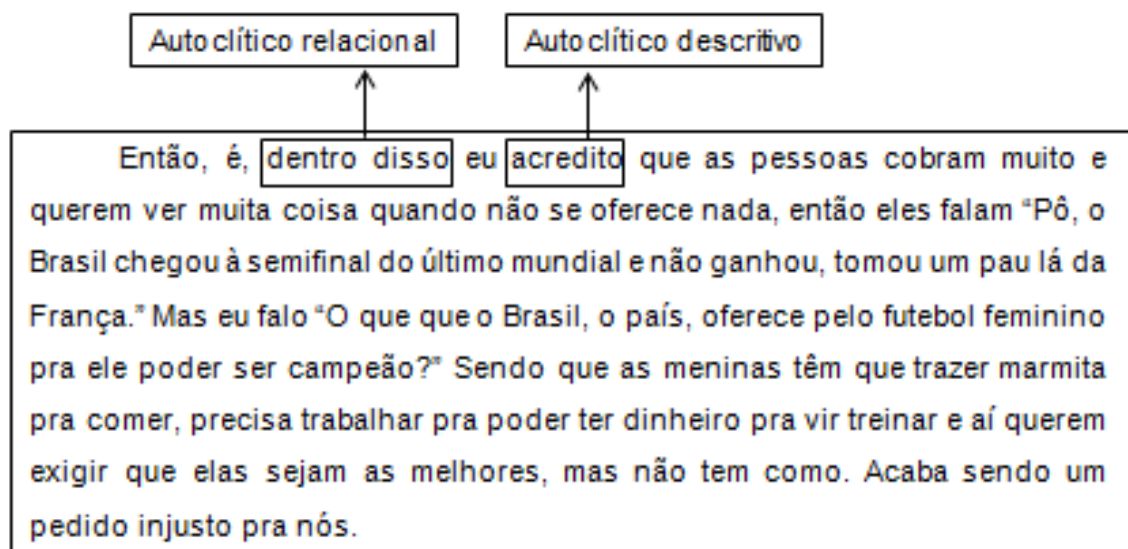


Nesse trecho, pode-se supor que os usos da palavra “não” têm a função autoclítica qualificadora de negação. Nesse sentido, talvez a relação seja semelhante à descrita acima, visto que as respostas referentes à igualdade podem ter sido punidas em sua história. A justificativa apresentada pela atleta faz referência às diferenças existentes entre homens e mulheres através do uso do autoclítico de composição “vice-versa”. A atleta, em seguida, apresenta um relato referente ao certo ser a pessoa receber pelo que faz e por isso não querer ganhar o mesmo que os homens e ainda utiliza a palavra injustiça para

se referir à diferença de salários. Nesse sentido, a contradição começa a aparecer porque a atleta indica que sua própria justificativa para as diferenças salariais é injusta. Além disso, descreve o meio empresarial como um meio onde também existe desigualdade salarial e indica que isso está certo. É possível inferir também o uso de expressões como “entendeu?”, “entende?” e “certo?” como palavras com a função de mando, porque costumam ser conseqüenciadas com alguma resposta de aprovação por parte do ouvinte.

Através da observação do relato com contradições, uso de justificativas que não foram vivenciadas pela atleta, como por exemplo o meio empresarial, o indicativo de que o tratamento deve ser diferente ao mesmo tempo que ressalta a injustiça dessa realidade e também o uso das expressões que especificam a consequência “aprovação”, pode-se apontar a possibilidade deste argumento adicional complementar ao argumento central ser fruto de uma cadeia intraverbal e não ter a função de tato. Tal apontamento torna-se ainda mais embasado através da análise do restante desta resposta.

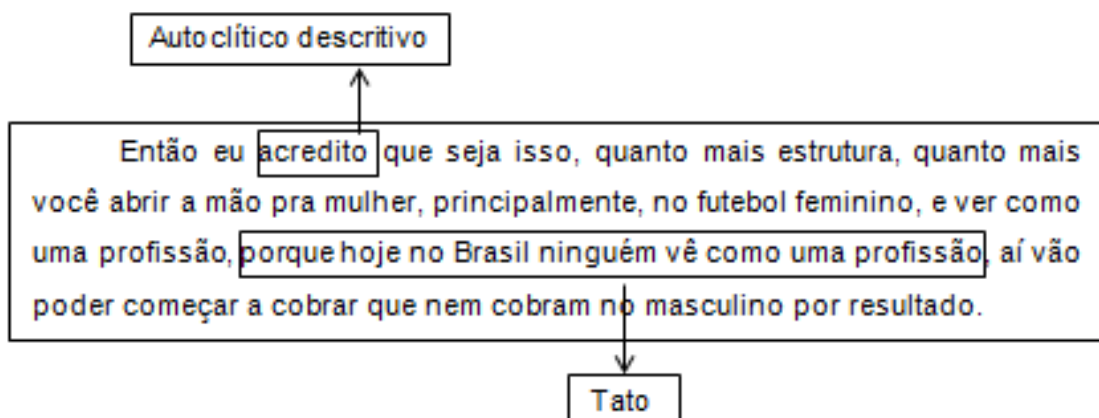
Após a emissão do último trecho analisado a atleta emite ainda dois outros argumentos adicionais, porém, nestes casos, os argumentos têm uma total contrariedade em relação ao argumento central, não indicando nenhuma relação de complementariedade. O primeiro argumento adicional descreve contingências vivenciadas pelas atletas em situações de cobranças por parte da torcida, como pode-se analisar no trecho a seguir:



Apesar do uso da expressão “dentro disso” no início do trecho indicar concordância com o argumento apresentado anteriormente, Giovanna inicia uma descrição que se assemelha a um tato referente à incoerência por parte das pessoas que cobram melhores resultados das mulheres jogadoras de futebol, porém que não oferecem condições para esse avanço. O fim desse trecho classifica como “injusto” o pedido por resultados.

Essa argumentação é iniciada pela palavra “acredito” o que pode ser visto como um autoclítico descritivo que indica que a descrição apresentada a seguir foi pouco condicionada na história de reforçamento da atleta. Tal análise contribui para a discussão que se refere ao argumento central como uma resposta intraverbal que não está sob controle da experiência vivida pela atleta, mas sim que é condicionada socialmente por uma comunidade que reforça discursos de manutenção dessas desigualdades e pune discursos que as questionam.

O último argumento apresentado também contradiz o argumento central e constitui-se de uma regra que descreve uma contingência futura na qual com um maior investimento em estrutura e profissionalização do futebol feminino, será possível cobrar resultados, porque isso sim possibilitará que as consequências desse investimento sejam positivas. É importante destacar o uso da frase “porque hoje no Brasil ninguém vê como uma profissão”, porque ela parece ser um tato que descreve uma operação que estabelece os reforçadores envolvidos na profissionalização da modalidade. Além disso, o uso da palavra “acredito” também pode ser visto como um autoclítico descritivo que indica uma história de reforçamento “fraca” em relação à colocação da regra descrita por Giovanna. Como podemos ver no trecho abaixo.



A análise dessa resposta de Giovanna possibilita que a pesquisadora identifique um discurso reforçado pela comunidade verbal da atleta que não é coerente com o que é vivido por ela em sua trajetória no esporte. Segundo Beauvoir, a dominação masculina é resultado da construção social e da educação, o que podemos transpor para a Análise do Comportamento considerando que tal dominação depende de um reforçamento diferencial de comportamentos verbais ou não-verbais e, nesse sentido, o discurso, como regra, tem um papel fundamental. Essa discussão também é relevante se considerarmos que o argumento adicional que complementa a visão de que as mulheres não devem lutar por igualdade é, não só fruto de um reforçamento intraverbal, como também indica que existem diferenças entre homens e mulheres que justifiquem tal desigualdade.

Em outro trecho da entrevista, Giovanna também relata características de suas colegas como se fossem inerentes à condição de ser mulher, como podemos ver no início de sua resposta sobre a relação com as colegas de time.

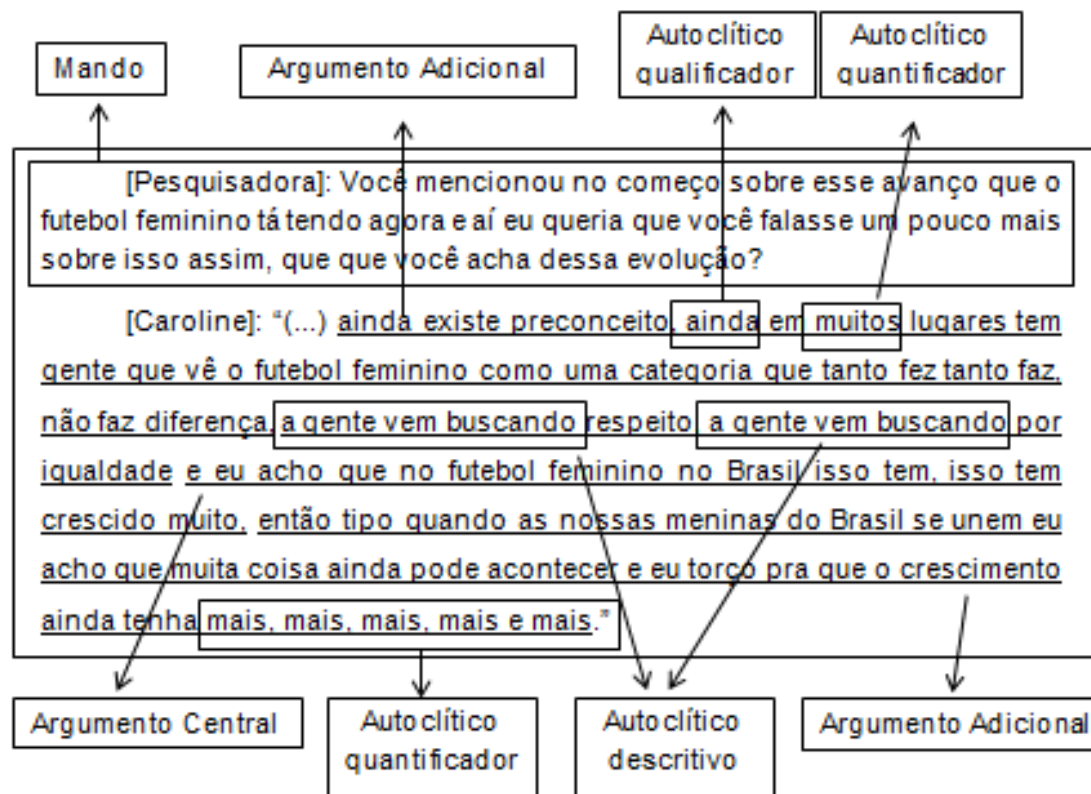
[Giovanna]: “é uma coisa bem difícil né, até porque pode ser porque lidar com mulher é uma coisa é diferente. Mulher é muito vaidosa, é ciumenta, é muitas coisas, né?”

Porém, Silva (2016) destaca que os comportamentos que compõem os chamados padrões de masculinidade e feminilidade são também construídos socialmente, através do histórico de reforçamento de cada indivíduo que, em nossa sociedade, faz-se diferencialmente se você for homem ou mulher. Nesse sentido, a naturalização dessas diferenças funciona a favor da manutenção da desigualdade e, por isso, é importante destacar que os comportamentos são operantes, estabelecidos e condicionados devido ao histórico de reforçamento de cada um e, principalmente, nas relações sociais, portanto, não podem justificar qualquer nível de desigualdade.

A discussão sobre a desigualdade de gênero possibilitou o alcance dos direitos das mulheres em diversas áreas, entre elas, o esporte. O feminismo contribuiu, portanto, com a luta por esses avanços e continua contribuindo para que as mulheres tenham cada vez mais acesso aos reforçadores oferecidos

aos homens. Essa luta, no futebol feminino, vem garantindo algumas conquistas e deve continuar para que avance ainda mais.

3.3.8 Análise do Discurso sobre avanços no futebol feminino



O episódio verbal é iniciado com o mando apresentado pela pesquisadora, cujo reforçador especificado foi a resposta da participante sobre os avanços no futebol feminino. O argumento central é apresentado pela frase "eu acho que no futebol feminino no Brasil isso tem, isso tem crescido muito". No final da frase tanto o uso da palavra "mais" quanto o uso da repetição desta palavra parecem ter uma função autoclítica quantificadora.

O primeiro argumento adicional apresentado é não complementar e se refere à condição de desigualdade no futebol feminino: "ainda existe preconceito...", parece ter a função de tato que apresenta uma operação motivadora que aumenta o valor reforçador dos avanços no futebol acontecerem. Além disso, é possível supor que o uso da palavra "ainda" revela uma função autoclítica qualificadora, por gerar no ouvinte uma modificação da intensidade do comportamento dele, isso porque parece evocar respostas privadas na pesquisadora no sentido de considerar que aquilo que foi dito em

seguida não deveria acontecer mais. Já os usos da palavra “muito” parecem ter uma função autoclítica quantificadora por indicar propriedades quantitativas relativas ao possível tato que está sendo emitido.

Além disso, também é apresentado um argumento adicional complementar que parece ter uma função de tato e estar sob controle dos avanços já observados no futebol feminino. O trecho que inicia com “a gente vem buscando respeito...”, também apresenta uma repetição da fala “a gente vem buscando” o que pode ter função autoclítica descritiva por indicar a força de emissão do operante de tato sobre a busca por respeito e igualdade.

Outro argumento adicional também é observado, no fim da fala, com a seguinte forma “eu torço pra que o crescimento [do futebol feminino] ainda tenha mais, mais, mais, mais e mais”. Tanto o uso da palavra “mais” quanto a repetição desta palavra parecem ter uma função autoclítica quantificadora. Este trecho também possibilita identificar a descrição de uma regra, em que as condições são descritas no primeiro argumento adicional, através dos avanços já presenciados; a resposta aparenta ser a união entre as mulheres e o reforçador especificado foi o crescimento do futebol feminino. Essa análise também possibilita uma reflexão sobre os avanços do futebol feminino serem perceptíveis para as atletas, mas que os preconceitos e as desigualdades presentes também são marcantes e indicam a necessidade que esse crescimento da modalidade em direção a maior visibilidade, respeito e igualdade não pare.

As análises do discurso contribuíram, portanto, para identificar que aspectos da fala das entrevistadas controlaram o comportamento da pesquisadora para a identificação das categorias. Além disso, também é importante ressaltar o discurso delas a respeito da desigualdade de gênero no esporte e dos passos dados em direção à igualdade. É necessário salientar que a naturalização das características femininas é um fator importante para a manutenção dos discursos que sustentam o atraso da modalidade em garantir condições de trabalho adequadas para as atletas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença das mulheres no campo dos esportes vem aumentando há mais de um século e nos últimos Jogos Olímpicos as atletas já correspondiam a 45% dos competidores. Porém, no futebol a diferença de condições entre os gêneros ainda é gritante. Num país onde o futebol feminino já foi proibido com a justificativa de ser um esporte incompatível com a natureza da mulher, a regularização não foi suficiente para que a prática se consolidasse e para que esses discursos deixassem de interferir na modalidade.

A partir dos conhecimentos da Análise do Comportamento e do feminismo, pode-se compreender que as contingências sociais são arrançadas para manter o poder concentrado nas mãos de uma elite. Consequentemente, a estrutura do patriarcado, ou seja, da superioridade do homem em relação à mulher é mantida através dos sistemas de reforçamento sociais existentes em nossa comunidade. Tal compreensão explica os processos comportamentais que, aplicados ao futebol feminino, afastam muitas mulheres dessas profissões e atrasam a luta e o avanço por melhores condições, em especial quando se observa que mesmo entre as praticantes o discurso dominante se manifesta.

Este trabalho objetivou, portanto, criar hipóteses sobre as variáveis que mantêm as mulheres na prática desse esporte, a despeito das contingências que tenderiam a desestimular tal prática. Através das entrevistas, podemos supor que os reforçadores sociais, econômicos e intrínsecos são consequências mantenedoras da prática, assim como os antecedentes relacionados com as condições de trabalho, as condições financeiras familiares e os planos para o futuro também são importantes para tal manutenção.

Os reforçadores sociais parecem ser de especial importância, mesmo quando originados em diversas fontes: familiares, amigos, reconhecimento do público e visibilidade. Os reforçadores financeiros apareceram como forma de salário, auxílio ou diária da seleção, porém, é possível destacar que não oferecem segurança para a vida das atletas, visto que muitas ainda dependem da família e também buscam por alternativas para se sustentar em outras profissões. Já os reforçadores intrínsecos parecem essenciais, mas não suficientes para manter a prática sem os outros reforçadores descritos.

Diante dos relatos sobre as condições antecedentes, pode-se destacar a importância das condições financeiras familiares serem suficientes para que elas não precisem gerar renda própria por um tempo maior que a infância e adolescência. Além disso, as condições de trabalho adequadas são necessárias para que a prática não produza consequências aversivas, mas sim consequências reforçadoras para a manutenção, porém, observa-se que em suas trajetórias até chegar ao clube em que estão, as entrevistadas passaram por clubes menos estruturados, que não garantem tais condições. Também é possível destacar os planos para o futuro como regras que ao evocar as respostas descritas, as aproximam de seus objetivos e possíveis reforçadores principais.

Ademais, a Análise Comportamental do Discurso possibilitou indicar como as respostas verbais apresentadas pelas participantes controlaram o comportamento da pesquisadora para a formulação das categorias de reforçadores e antecedentes, além da formulação das discussões sobre tais categorias.

Também foi relatado que, nos últimos anos, houve um avanço significativo das condições de trabalho das mulheres atletas de futebol devido, principalmente, à regulamentação da CONMEBOL que obriga os clubes de futebol masculino a terem também uma equipe feminina e à transmissão da Copa do Mundo Feminina de 2019. Mas destaca-se que tais avanços não foram de graça foram conquistados pela luta das muitas mulheres que praticaram esse esporte antes e em condições muito mais adversas. Mulheres que hoje são lembradas pelos nomes de Cristiane, Marta e Formiga, mas que são muitas outras.

O trabalho permitiu, assim, identificar as possíveis variáveis que mantêm essa prática, assim como as condições a serem melhoradas. O método da entrevista implica em limitações da análise, que pode ser feita somente através do discurso, mas indica caminhos possíveis para pesquisas futuras com observações diretas dessas variáveis e, principalmente, com a possibilidade de formular intervenções que caminhem em direção à igualdade no futebol feminino.

5 Referências

- ANDERY, M. A.; SÉRIO, T. M. A. P. (2001) Comportamento verbal. *In: SÉRIO, T. M. A. P. et al. Controle de estímulos e comportamento operante. Uma nova Introdução.* p. 127-151, 2008.
- ANGELO, H. V.; & BISSOLI, E. B. Uma proposta de diálogo entre a Psicologia Social de Silvia Lane e a Análise do Comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, São Paulo, v.7, n.2, p.288-302, 2016
- BAER, D. M.; WOLF, M. M.; RISLEY, T. R. Algumas dimensões correspondentes da Análise Aplicada do Comportamento. Tradução por: AGUIRRE, N. C. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 1, p. 91-97, 1968.
- BEAUVOIR, S. de. *O Segundo Sexo*. Paris: Librairie Gallimard, 1967.
- BORLOTI, Elizeu. As relações verbais elementares e o processo autoclítico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 221-236, dez. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452004000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 maio 2020.
- BORLOTI, Eliseu. *et al.* Análise Comportamental do Discurso: Fundamentos e Método. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 24, n. 1, p 101-110, 2008.
- BORLOTI, Eliseu. *et. al.* Análise Comportamental do Discurso: Uma entrevista com uma paciente oncológica. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, São Paulo, v.3, n.2, p. 102-116, 2012.
- BRITTO, I. A. G. S. *et al.* Análise Funcional de Comportamentos Verbais Inapropriados de um Esquizofrênico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 26, n. 1, p 139-144, 2010.
- BRUNO, Giulia; GIANFALDONI, Mônica. *Mulheres no esporte: investigação da produção científica nacional – artigos sobre psicologia do esporte (1965 – 2018)*. 2019, 50f. Iniciação Científica (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- CAPELO, R. Novo modelo de distribuição aproxima cotas de TV aberta e fechada no futebol brasileiro em 2019. Pay-per-view desequilibra. *Globo Esporte*, São Paulo, 18 dez. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/blog-do-rodriigo-capelo/post/2019/12/18/novo-modelo-de-distribuicao-aproxima-cotas-de-tv-aberta-e-fechada-no-futebol-brasileiro-em-2019-pay-per-view-desequilibra.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CONMEBOL. (30 de Dezembro de 2017). *Regulamento de Licença de Clubes*. Acesso em 22 de Abril de 2019, disponível em CONMEBOL: <http://www.conmebol.com/es/regulamento-de-licenca-de-clubes-2018>

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. (Outubro de 2018). *Ficha Informativa Mulheres no Movimento Olímpico*. Acesso em 27 de Janeiro de 2020, disponível em Olympic.org: https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Factsheets-Reference-Documents/Women-in-the-Olympic-Movement/Factsheet-Women-in-the-Olympic-Movement.pdf#_ga=2.69554960.1056921633.1580131939-1709114729.1580131939

GUILHARDI, Hélio José. Com que contingências o terapeuta trabalha em sua atuação clínica? In: BANACO, Roberto Alves (org.) *Sobre comportamento e cognição*. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. Santo André: Editores Associados, v. 1, 2001, p. 287 – 300.

HOLLAND, J. G. Os princípios comportamentais servem para os revolucionários? *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 18, n. Especial, p. 104-117, 2016

MATOS, M. A. Análise Funcional do Comportamento. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 16, n. 3, p. 8-18, 1999.

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E. H.; TUBINO, M. J. A inserção histórica da mulher no esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2 p. 117-126, 2008

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 95-115, 2013

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 303-311, 2016.

SILVA, E. B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 197-211. doi:<https://doi.org/10.18761/pac.2016.009>, 2016

SKINNER, B. G. (1948) *Walden Two*. 1 ed. São Paulo: Herder. 1973.

SKINNER, B. F. (1953) *Ciência e Comportamento Humano*. 11 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2003.

SKINNER, B. F. (1957) *O Comportamento Verbal*. 1 ed. São Paulo: Editora Cultrix. 1978.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Prezada,

Esta pesquisa é sobre uma análise funcional do discurso e está sendo desenvolvida pela estudante Giulia Cândido Bruno inscrita no CPF nº 398.690.858-73, do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Dr^a Denize Rosana Rubano inscrita no CRP-SP nº 15296.

Objetiva-se levantar hipóteses sobre o que mantém as mulheres na prática do futebol profissional. Solicitamos a sua colaboração para uma entrevista, que será gravada e registrada, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa garante o total sigilo de sua identidade.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura da orientadora

Assinatura da pesquisadora

Considerando, que fui informada dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

São Paulo, ____ de _____ de _____

Assinatura da participante

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Endereço: Rua Ministro de Godoy, 969 – Sala 63-C. Perdizes - São Paulo/SP. CEP: 05015-001. Fone (Fax): (11) 3670-8466 - e-mail: cometica@pucsp.br - site: <http://www.pucsp.br/cometica>.

APÊNDICE 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Virtual)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Prezada,

Esta pesquisa é sobre uma análise funcional do discurso e está sendo desenvolvida pela estudante Giulia Cândido Bruno inscrita no CPF nº 398.690.858-73, do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Dr^a Denize Rosana Rubano inscrita no CRP-SP nº 15296.

Objetiva-se levantar hipóteses sobre o que mantém as mulheres na prática do futebol profissional. Solicitamos a sua colaboração para uma entrevista, que será gravada e registrada, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Informamos que essa pesquisa garante o total sigilo de sua identidade.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

1. Qual seu nome completo?

2. Você aceita participar dessa pesquisa?

() Sim

() Não

Contato Pesquisadora e Comitê de Ética

O presente termo permanecerá com a pesquisadora e poderá ser solicitado a visualização das próprias respostas e/ou cancelamento destas através de contato realizado pelo e-mail: giuliacandidobruno@gmail.com ou telefone: (11) 95052-8403.

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Endereço: Rua Ministro de Godoy, 969 – Sala 63-C. Perdizes - São Paulo/SP. CEP: 05015-001. Fone (Fax): (11) 3670-8466 - e-mail: cometica@pucsp.br - site: <http://www.pucsp.br/cometica>.

APÊNDICE 3 – Quadro de sigilo e caracterização dos clubes citados

Quadro 1: Caracterização dos clubes citados nas entrevistas.

Clube 1	Clube pequeno da cidade de São Paulo, que após uma pausa retomou as atividades da equipe feminina em 2017. Hoje compete no Campeonato Brasileiro série A2 (segunda divisão do Campeonato Nacional)
Clube 2	Clube grande da cidade de São Paulo, porém os treinos e jogos acontecem no interior do estado e após uma pausa retomou as atividades da equipe feminina em 2019. Hoje compete no Campeonato Brasileiro série A1 (primeira divisão do Campeonato Nacional)
Clube 3	Outro clube grande da cidade de São Paulo, também retomou as atividades da equipe feminina em 2019. Hoje compete no Campeonato Brasileiro série A1 (primeira divisão do Campeonato Nacional)
Clube 4	Clube pequeno da cidade de São Paulo, com fortes categorias de base femininas. Atualmente mantém apenas as categorias de base.
Clube 5	Clube pequeno do interior de São Paulo, com grande expressão no futebol feminino desde 2010, está entre os 10 mais bem colocados no Ranking Nacional de Clubes da CBF de futebol feminino. Hoje compete no Campeonato Brasileiro série A1 (primeira divisão do Campeonato Nacional)
Clube 6	Clube pequeno do interior do Paraná, atua no futebol feminino desde 2010 e está entre os 10 mais bem colocados no Ranking Nacional de Clubes da CBF de futebol feminino. Hoje compete no Campeonato Brasileiro série A2 (segunda divisão do Campeonato Nacional)
Clube 7	Clube pequeno do interior de São Paulo, atua no futebol feminino desde 2017. Hoje compete no Campeonato Brasileiro série A1 (primeira divisão do Campeonato Nacional)

Fonte: A própria autora (2020)